

VINGT-UN ROSADO

A SAGA DE UM SOBRALENSE NO
PAÍS DE MOSSORÓ

– Livro 3 –

Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria



**Banco do
Nordeste**



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

I – A SAGA DA SAUDADE

Comove-nos sempre a viagem para matar saudades que fizeram, a cavalo, Francisco Peregrino Rodrigues, nascido em Santana do Acaraú, mas integrado na paisagem humana da vossa cidade valorosa, de tal modo que o recebeu Mossoró como um dos vossos e Antônio Rodrigues do Monte.

Esta caminhada sentimental integrou-se à gesta de Mossoró e Sobral, no remoto ano de 1924.

Benedito e Maria José, os sobralenses que mandastes para Mossoró como embaixadores da bondade, competência e alto saber nas suas especialidades, nos trazem à lembrança o episódio romântico de Antônio Rodrigues e Francisco Peregrino Rodrigues.

Toda vez que este casal amigo carrega-nos para rever uma das cidades nordestinas, que deu ao Brasil mais gente ilustre, eu e América sentimo-nos como cavaleiros andantes daqueles sentimentos que conduziram os dois parentes de Miguel Faustino, numa longa e penosa viagem somente para rever o chão sagrado.

Proustianos incorrigíveis eram eles.

Agora, Benedito é o exilado de Mossoró.

Um dia, ele e sua ciência de sábio do semi-árido, quiseram reverter o quadro de miséria do Nordeste.

O CEMAS iria repovoar o velho sertão com os animais desaparecidos.

O Projeto teve tamanha repercussão que uma graduada de São Paulo veio fazer mestrado com o CEMAS.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Um ex-Diretor genial achou que era mais econômico matar os animais do que alimentá-los para acabar com a fome do povo pobre.

Anteriormente, no comando da EMPARN, convocado pelo Governador Lavoisier Maia Sobrinho, começou a realizar o mesmo projeto em escalas muitas vezes maiores.

A Estação Experimental de Terras Secas estava empolgando o Brasil.

Mas o Governador José Agripino, além de jovem e simpático, levava a responsabilidade de ser mossoroense, simplesmente matou o sonho do grande sobralense.

Mossoró e o Rio Grande do Norte eram menores do que Benedito.

Na minha terra não havia espaço para o seu idealismo e a sua ciência.

Eis que a EMBRAPA nacional, tão séria e tão respeitada, merecendo até um elogio de Roberto Campos, descobriu que Benedito estava no país de Mossoró.

Pedi-lhe que disputasse em concurso o cargo de direção da EMBRAPA no Piauí e no Maranhão.

Dos 4 candidatos que se inscreveram apenas Benedito foi aprovado.

Fui à festa da sua posse, comandada pelo Presidente Nacional da EMBRAPA e pelo Governador do Estado.

Benedito agora vai realizar o seu sonho e o semi-árido receberá com mais alguns anos os animais que haviam desaparecido.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Vingt-un Rosado, Sebastião Vasconcelos e João Batista Cascudo Rodrigues, começaram a revisão dos sobralenses que ajudaram a construir Mossoró ou a projetá-la.

Este é o 5º volume que Benedito me pediu para vir lançar na sua amada cidade, juntamente com os quatro primeiros.

Começa o desfile dos vultos eminentes de Sobral que o são também de Mossoró.

II – MIGUEL FAUSTINO DO MONTE E DELMIRO GOUVEIA

“Naquela noite-madrugada, em Copacabana, varei as suas luzes e seu ritmo febricitante, tornando-me interlocutor dos filhos de Delmiro Gouveia, no Rio de Janeiro.

Descontraidamente, a conversa com Noé foi acompanhada pelas irmãs Maria e Noêmia, em seu modesto apartamento: os três representantes da descendência daquele que fora o exemplo maior da raça cearense, na leitura de Parsifal Barroso.

Havia muitos anos que Gilberto Freire lançara “Precisa-se do Ceará”, numa conferência, em Fortaleza.

Daí, também, desde algum tempo, buscava conhecer a identidade do espírito cearense - nos pioneiros Delmiro Gouveia e Miguel Faustino do Monte.

Eles eram semelhantes pela origem comum e vocação de precursores – na fecundidade de suas ações e lealdade ao Nordeste e a Mossoró. Um do Ipu, o outro de Sobral.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Num diálogo vivo e emocionante, as reminiscências fluíam fáceis e, às vezes, carregadas de exaltação e revolta.

De uma e outra, principalmente quando Noé discorria sobre o esquecimento da memória do papel gigantesco de Delmiro, no ímpeto inicial da industrialização do Nordeste.

Particularmente, pela iniciativa que conduziu à construção da unidade fabril da Pedra – embrião de uma Fábrica de tecidos –, alimentada pela pequena usina de hidreletricidade, às margens do rio São Francisco, em Alagoas.

Mais: norte-rio-grandense de Mossoró, ouvira de Noé, com a confirmação de suas irmãs, o desabafo contundente sobre a omissão do Presidente João Café Filho, sem qualquer menção ao nome de Delmiro no discurso de inauguração da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso.

Terminada a conversa, às 6:00 horas da manhã, somente tive tempo para passar pelo hotel, seguindo para o Aeroporto do Galeão.

Na aeronave, encontrei o ex-Presidente Café Filho, ficando a seu lado. Difícil seria olvidar o meu diálogo com o único norte-rio-grandense a chegar à Presidente da República.

Aquele que fora jornalista veemente e ardoroso, cuja trajetória política começara no sindicato das Rocas e terminara no Catete.

Naquele vôo Rio-Natal, o depoimento dele me pareceu pouco convincente. Ao relatar o teor da entrevista realizada com os filhos de Delmiro Gouveia, pela noite-madrugada, em Copacabana, eis que lhe soara como algo inusitado.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Meu filho – disse-me, então: os Presidentes da República não escrevem os discursos que pronunciam. No de Paulo Afonso, Oséas Martins realmente omitiu o nome de Delmiro Gouveia.

Repliquei-lhe, também incisivamente. A conduta do Presidente da república orçava por um despropósito histórico. Tanto mais que ele era um nordestino – para mim – ainda mais grave, um norte-rio-grandense, pela condição significativa de ex-parlamentar eleito sempre pelo nosso Estado.

Anos depois, o episódio de Paulo Afonso serviria de antecedente para outro de repercussão especial no Rio Grande do Norte.

Por vontade própria, o único norte-rio-grandense a exercer a mais alta magistratura do País escolhera o chão do Cemitério de São João Batista para a guarda dos seus restos mortais.

Abrira-se um hiato na tradição republicana, respeitada pelos dirigentes maiores da República Velha: o repouso eterno na terra natal.

O Presidente João Café Filho negara os recursos necessários à solução do problema de abastecimento d’água de Mossoró.

Contrastavelmente Miguel Faustino do Monte fora o construtor da barragem submersível de Mossoró, há quase cem anos.

Tadeu Rocha registra no livro fundamental que produziu sobre Delmiro Gouveia – o significado marcante da chegada da energia da Hidrelétrica do São Francisco a Mossoró, em 1967, notadamente ao lado de Fortaleza (1965) e Parnaíba (1969).

Tantos fatos e circunstâncias entrelaçam as figuras geniais dos cearenses Delmiro Gouveia e Miguel Faustino do Monte.

“Miguel – narram Vingt-un Rosado e Sebastião Vasconcelos – aumentava na confiança do patrão Alexandre de Souza Noguei-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

ra, um “Camboa” de projeção na História Econômica e Política de Mossoró, pelo desempenho no balcão de sua firma.

Um dia Alexandre levou-o até o Recife.

Manoel de Almeida Barreto, educador de tantos serviços a Mossoró, recorda o encontro de Miguel e Delmiro.

O Mago da Fábrica da Pedra adivinhou o potencial do sobralense.

Convidou-o a trabalhar para ele comprando peles, couros e outros artigos.

A Salina Jurema, que tinha falido, passara às mãos de Delmiro, que propôs a Miguel uma sociedade para administrá-la.

O negócio prosperou.

Quando Delmiro faleceu, Miguel Faustino encomendou a Barreto exéquias solenes com Eça e toda a pompa litúrgica possível.

Era uma homenagem que prestava ao seu maior benfeitor.”

De sua parte, Jorge Moisy França, aduz, literalmente.

“I) na comercialização de peles, começando como representante comprador do grande exportador do Recife o inolvidável Delmiro Gouveia. Quando Delmiro paralisou os negócios, o Sr. Miguel passou a negociar sozinho e diretamente com a Inglaterra e Estados Unidos, culminando na grande exportação de 12.000 toneladas de peles de uma só vez, em plena guerra de 1914/1918, lotando todo um navio que veio especialmente comboiado por dois cruzadores ingleses, eis que o oceano estava infestado de submarinos alemães e a navegação normal estava suspensa.”



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em 10 de outubro próximo, o Presidente Fernando Henrique Cardoso deverá resgatar a memória de Delmiro Gouveia, no ato de celebração do octogésimo aniversário de sua morte, na cidade que tem o seu nome, em Alagoas.

Por iniciativa do deputado Federal Albérico Cordeiro, delmirista, por convicção, certamente a República praticará a reparação história devida ao “Mago da Fábrica da Pedra”, lançando as bases do “Memorial Delmiro Gouveia”.

A esse tributo, decerto, se juntará o do Instituto Delmiro Gouveia para o Desenvolvimento - IDG, como afirmação de presença do Ceará.

Para isso, haverá de contribuir o espírito delmirista do industrial João Santos, almocreve de seu benfeitor, aos dez anos de idade.

Nenhum relato será mais fiel à memória de Delmiro Gouveia do que o do capitão de indústrias, pernambucano que – um dia, conforme o depoimento do Deputado Albérico Cordeiro – desceu do avião, em companhia de seus netos – no “lugar em que tudo começou, onde nasceu a industrialização do Nordeste”.

Nessa oportunidade, provavelmente, a coincidência espiritual unirá, mais uma vez, Delmiro Gouveia e Miguel Faustino do Monte, na aliança que celebraram pelo engrandecimento do Nordeste e, especialmente, de Mossoró.”

João Batista Cascudo Rodrigues, o autor desta página, um grande de Mossoró, é filho do sobralense Adolfo Rodrigues, hoje integrante do “Memorial dos Mossoroenses”.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

III – AINDA MIGUEL FAUSTINO DO MONTE

A) “As Origens

O sobralense Miguel Faustino do Monte era filho de fazendeiros que não puderam lhe proporcionar uma instrução além do nível primário. Nasceu em Sobral a 11.05.1858 e faleceu no Rio de Janeiro a 10.11.1952.

Deve ter chegado a Mossoró aí por volta de 1880.

Empregou-se numa firma local, como balconista.

Depois fundou a M. F. do Monte, no começo uma pequena firma que se tornou poderosa ao longo do tempo.”

B) “O Algodão Mocó

O comerciante progressista importou sementes Burbank do Egito, distribuindo-as gratuitamente aos agricultores, financiando-lhes ainda a produção.

Estimulou-os ainda na fabricação de torta de algodão.

Da América do Norte importara 160 máquinas de beneficiamento de algodão.

A primeira prensa hidráulica de marca Schaw a chegar ao Brasil foi uma iniciativa do sobralense que estava a serviço de Mossoró.”

C) “O Sal Monte

O Sal Monte foi analisado pelos famosos químicos Theodore



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

e Gustavo Peckolt, que em 1906 o exaltaram pela sua composição química, colocando-o “entre os sais de primeira qualidade e superior aos de Saint Ives e de Etrange de Berre (Espanha).”

D) “Produtos em Exposições Nacionais e Estrangeiras

Sal, algodão, cera de carnaúba, fibras, borrachas levou o sobralense criativo às Exposições Nacionais de 1908 e de 1922, à Internacional de Bruxelas de 1910 e à de Turim em 1911.

Ganhou medalhas de ouro e diplomas de honra.

Eis um nordestino pioneiro na valorização do semi-árido.”

E) “O Construtor da Primeira Barragem de Mossoró

José Octávio Pereira Lima informa que Miguel Faustino foi o idealizador da primeira barragem submersível do Rio Mossoró.

É a precursora da atual barragem da cidade.

Idealizou a sua construção, Miguel Faustino depois da seca de 1898.

Era uma barragem construída com sacos de areia depois substituída por uma barragem de alvenaria.”

Um amigo de Miguel exaltou-lhe os feitos em fevereiro de 1915:

- Trabalho pela construção de um campo de demonstração da cultura do algodão;
- Centro Agrícola de Mossoró;
- Estrada de Ferro de Mossoró ao S. Francisco;
- Congresso de Fazendeiros;



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

- Importação da semente de algodão do Egito para distribuição entre os agricultores.

Na exposição nacional de 1908 e nas internacionais de Bruxelas, Turim e Roma recebeu o diploma de honra e medalhas de bronze e de ouro.

A proposta para criação de professores agrícolas ambulantes para a plantação do algodão e outras culturas.

Miguel financiou uma viagem de Eloi de Souza ao Egito para estudar projetos de irrigação.

F) “O Júri do Algodão

Miguel e Bento Praxedes, Diretor do “Comércio de Mossoró”, projetaram um júri do algodão, convocando a participação dos governos municipais do centro do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará.

Destaco a circular, datada de 30 de setembro de 1906, que distribuíram largamente.

Divulgaram-na no mesmo jornal em 09 de dezembro de 1906 (número 140).

“Júri do Algodão – Os Srs. M. F. do Monte e C. ativos industriais que não olham dispêndios no intuito de serem úteis às classes produtoras, e o nosso redator chefe, cuja pena tem estado ao serviço da lavoura, promovem um concurso para julgamento do algodão que dá entrada nesta praça, procedente de todos os lugares do centro que fazem comércio para esta cidade.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Com esse intuito dirigiram-se aos governos municipais pedindo amostras dos algodões que com maior aproveitamento em produção e vegetação mais se cultivem em seus municípios, a fim de, convenientemente marcados e separados, serem remetidos a um júri de profissionais, que os terão de julgar no Rio de Janeiro.

A Intendência Municipal do Patu foi uma das primeiras a responder patriótica solicitação.”

G) “O Congresso de Fazendeiros

Havia um ardor de cruzado, neste mossoroense nascido na cearense Sobral.

Ainda bem não repousava de um entrevero e já estava combatendo noutra cidadela.

E o extraordinário é que o homem prático, fundador de um Império Econômico, nordestino de origem humilde, empregado modesto da firma de Alexandre de Souza Nogueira, depois seu sócio, em seguida seu concunhado, elevando-se a uma culminância do poder econômico de Mossoró e sua região, não perdeu o gosto pelas iniciativas que foram numerosas, a prol do desenvolvimento sócio-econômico do nosso chão, mesmo que essas lhe fossem dispendiosas.

Buscava respostas para a pobreza do semi-árido.

Lembremos o congresso de fazendeiros. Acompanhem-lo pelo noticiário do “Comércio de Mossoró”, o Jornal de Bento Praxedes.

A que se propunha o Congresso?



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAIS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Por meio de Conferências Agrícolas e Pastorais, em um Congresso de Criadores e Agricultores em que se aprovelem medidas de resultados práticos para o desenvolvimento e futuro dessas indústrias”.

A abrangência do Congresso seriam os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba nos seus sertões.

Miguel prometia distribuir um programa contendo as teses que seriam discutidas.”

H) “O Pioneiro do Ensino Agrícola.

a) Suficiente seria a leitura de uma proclama o dirigida por Miguel aos agricultores e ao povo a 14 de novembro de 1906, (n  137 do Comércio de Mossoró) para decidirmos pela inclusão de seu nome entre os pioneiros do ensino agrícola. Miguel pedia: ESTRADAS DE FERRO; FAZENDAS MODELO; ESCOLAS DE AGRICULTURA.

Agora fale um pioneiro do ensino agrícola do Rio Grande do Norte.

Comércio de Mossoró, 14 de novembro de 1906 (n  137).”

I) Miguel e Guimarães Duque

“Vejam Miguel falando em algodão, maniçoba, carnaúba, algumas das preocupações futuras do sábio e filósofo do semi- rido, José Guimarães Duque.”



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

J) Miguel extensionista

“Leiamos Algodão do Egito, “Comércio de Mossoró”, 02 de fevereiro de 1908, nº 195.

“Está tirada a prova da similaridade do algodão do Egito em nossas terras.

O Sr. Delfino Fernandes de Oliveira, agricultor em Carnaúbas, remeteu aos Srs. M. F. do Monte e C. um fardo de algodão do Egito, colheita das sementes distribuídas por esses industriais, o qual é perfeitamente similar do algodão do Egito, tanto em fibra como em sedosidade.

De muito mais alto preço e por conseguinte compensado melhor os trabalhos do agricultor de, o algodão do Egito deve ser o preferido para a cultura dos nossos campos.

Os Srs. M. F. do Monte e Cia vão remeter o fardo de algodão para a Exposição Nacional a realizar-se este ano no Rio de Janeiro.

Era a colheita de semeadura que o extensionista Miguel Faustino do Monte plantara no chão adusto do país de Mossoró.

O editorial de 14 de novembro de 1906 no Comércio de Mossoró nº 137, refere-se a propaganda de Miguel junto aos centros deste estado, Paraíba e Ceará, da famosa malvácea. Isto não era extensionismo?”

K) Antecipação da ESAM agrônômica e veterinária.

“Miguel pleiteava a vinda de um agrônomo para dar lições de agricultura prática e um veterinário para explicar as moléstias



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

nos nossos gados e rebanhos e o respectivo tratamento. Não seria a antecipação da ESAM agrônômica e veterinária?”

L) Miguel e Rodolfo Miranda

“O Sr. Cel. Miguel Faustino do Monte, ativo industrial e chefe de uma casa das mais exportadoras de algodão desta praça, dirigiu ao Sr. Ministro da Agricultura o pedido de um campo de demonstração da cultura do algodão em Mossoró.

O pedido justifica-se pelo desejo patriótico que tem aquele industrial de ver introduzida em nossa lavoura, ainda tão atrasada, a cultura racional e os novos métodos que valorizam os trabalhos agrícolas aliás com dispêndio menor e menos sacrifício do que nos custa atualmente.

A vantagem da escolha do local aqui em Mossoró é manifesta. Esta cidade é o Centro Comercial para onde convergem todas as cidades e povoados do interior, e estabelecer aqui o campo de demonstrações para a cultura do algodão em cada uma delas pela certeza de ser visitado pelo maior número.

Daqui sairão os agricultores e negociantes dos centros deste Estado, da Paraíba e Ceará, que vêm à esta vender seus algodões e fazer de artigos do comércio, com os novos conhecimentos sobre a cultura do algodão, que espalharão em ensinamentos por suas localidades multiplicando os benefícios da obra do Governo.

O exmo. Sr. Dr. Rodolfo Miranda dignou-se responder nos termos do seguinte telegrama que publicamos com prazer.

“Rio de Janeiro, 28 de março.

Sr. Miguel Faustino do Monte.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É digno de toda consideração e carinhoso acolhimento o vosso pedido sobre campo de experiência algodoeiro em Mossoró para seleção de espécie de maior valor comercial, o que será de real benefício para a região Nordeste do Brasil, cuja vida econômica será “Beneficemente transformada pela exploração racional do algodoeiro que melhor se adaptar a seu clima e solo. Entretanto é indispensável que aguardeis a inspeção que nesta data ordeno ao diretor respectivo no Jardim Nacional para experimentação do algodoeiro em Mossoró, depois do que resolverei o campo de experiência nessa região, com a simpatia e interesse que desperta um dos nossos principais produtos de exportação. Saudações. *Rodolfo Miranda*. Ministro da Agricultura”

M) Introdução de instrumentos agrícolas e de espécies zootécnicas na região.

Outra vez o pioneiro no ensino agrícola, recomendando aos agricultores e criadores que se organizasse num tipo de cooperativa para introduzir instrumentos agrícolas e espécies zootécnicas que se adaptassem ao meio.”

N) Miguel e o CRUTAC

“Os professores agrícolas ambulantes idealizados por Miguel Faustino, ensinando em cada fazenda, em cada plantação, em cada ponto do meio rural não teriam sido uma antecipação do CRUTAC, do grande Reitor Onofre Lopes no seu projeto de interiorizar a universidade?”



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O) Miguel e Guimarães Duque outra vez.

“Ao afirmar que não nos devíamos queixar da seca, antecipava-se a Duque quando pregava a VANTAGEM DA SECA.

P) Uma Biblioteca Agrícola.

“A Biblioteca Agrícola, Canto de Cisne do Congresso dos Fazendeiros.

Os livros que interessavam aos agricultores e criadores chegaram numerosos. E estavam à disposição dos agropecuaristas. O Congresso dos Fazendeiros fora mais um sonho de Miguel a não se realizar.

Q) Miguel Faustino do Monte, depois da sua incansável luta pelo desenvolvimento sócio-agropecuário da região, guerreiro de gestas imortais, precursos da ESAM, bem que merecia o título de pioneiro do ensino agrícola do Rio Grande do Norte, incorporando-se à galeria de onde se encontravam:

JOÃO ULRICH GRAF,
ALÍPIO BANDEIRA,
TÉRCIO ROSADO MAIA,
ANTÔNIO MARTINS DE MIRANDA,
FRANCISCO IZÓDIO DE SOUZA,
FRANCISCO VICENTE CUNHA DA MOTA.”



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

IV – BENEDITO VASCONCELOS MENDES

Benedito Vasconcelos Mendes aparece no volume 960 com um currículo vitae de 88 páginas.

É o comandante em Chefe da EMBRAPA no Piauí e no Maranhão.

Dentro de poucos anos o nome de Benedito estará sendo louvado como o técnico e cientista que mais entendeu o semi-árido, no país e no exterior.

V – ADOLFO RODRIGUES DE LIMA

Traçou-lhe um comovido perfil, o seu grande filho, Prof. João Batista Cascudo Rodrigues.

“**Adolfo Rodrigues de Lima**, pertencia à geração de sobralenses que emigraram para o País de Mossoró, guiados pela ação pioneira de Miguel Faustino do Monte.

Aquele grupo de pioneiros – 13, no primeiro contingente e outros 13, nos depoimentos dos dois Lauro – Escóssia e Monte Filho.

“Uma Dinastia de Sobralenses a Serviço de Mossoró” – na legenda com que o Prof. Vingt-un Rosado os consagrou.

Adolfo e seu irmão Raimundo eram também parceiros da aventura fascinate de oitenta anos atrás – em 1917.

Adolfo e Raimundo, nascidos no Distrito da Mutuca – eram primos de José Rodrigues de Lima, Francisco Peregrino Rodri-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

gues, de Raimundo Nelson, Francisco Celso de Lima, Humberto Monte e Antônio Rodrigues do Monte.

Adolfo e Raimundo – que ainda eram primos de Humberto e Antônio, José Garcez e Firmo do Monte e, igualmente, de Júlia, Maria José (Zezinha) e Lili Frota

Esta a nossa família pelo ramo do meu pai - um Rodrigues de Lima e Monte – de Miguel Faustino.

O currículo de Adolfo contém a marca registrada de um homem simples - de primeiras letras, que permaneceu em Mossoró, até o último dia de sua vida, em 20 de junho de 1962.

Raimundo preferiu retomar às margens do Acaraú tão identificado com a sua terra e o seu povo.

Vovô “Tipu” e vovó Emília – assim meus irmãos e eu os tratávamos, sem que nunca tivéssemos de vê-los, ainda assim, poderíamos sentir a distância emocional da trajetória dos dois meninos - de pouco mais de dez anos, ao chegarem a Mossoró, sendo acolhidos na casa de José Rodrigues de Lima.

Adolfo, o sobralense, que incutiu nos filhos João Batista, Joana D’arc, Jorge Ivan e José Arimatéia o amor a Mossoró, trazendo consigo mesmo – ao longo de sua existência de 55 anos - a imagem permanente de Sobral.

Com ele – em especial – aprendi a conviver com os fatos e as coisas de Sobral, pelas páginas do “Correio da Semana”.

O jornal da Diocese sobralense e o “Almanaque de Parnaíba” estavam carregados do “espírito do lugar” – cultuado pelos antigos romanos.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em Mossoró – Adolfo, o balconista de lojas de tecidos e miudezas, o pequeno comerciante que se casou com a professora primária Ozelita, na sala de visitas da memorável casa da Avenida Alberto Maranhão.

A “Fundação Comunitária” – que celebra o nome de quem teve a “coragem de ser mulher”, é repositório vivo do cenário em que viveram – como marido e mulher de 1933 a 1962.

Nunca estiveram longe – um do outro, a não ser quando ele foi Prefeito Interventor de Uiraúna, na Paraíba.

O convite do meu tio Osvaldo Cascudo, o líder político que me convocou para exercer aquela função – foi aceito, finalmente, por Adolfo, em 1953.

José Nêumane – no livro que escreveu sobre a Prefeita Luiza Erundina – a uiraunense que dirigiu São Paulo – “A Mulher que veio com a chuva” – focalizou os bons serviços prestados pelo Prefeito Adolfo Rodrigues de Lima à Uiraúna.

“O homem cordial” – na fixação emotiva que lhe atribuiu Dorian Jorge Freire – tornou-se cidadão múltiplo – sobralense – mossoroense – uiraunense.

Ressalte-se, no seu perfil: Adolfo foi, antes de tudo, o cidadão de Mossoró, sem a glória do título honorário, embora tenha sido contemplado com a fixação do seu nome na rua em que está localizada a Loja Maçônica Jerônimo Rosado, no bairro de São Manuel.

O que não o desmereceu, como homem integrado na sociedade mossoroense – dos embates futebolísticos de Humaitá X



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ipiranga, dos saraus dançantes e dos noiteiros-fiéis da festa de Santa Luzia.

Um homem originário de Sobral, cujas raízes se estenderam a Mossoró – ele que foi um soldado da luta pela sobrevivência da Sociedade União Caixeiral.

Ele que assistiu – seis meses antes de sua morte – no salão nobre da entidade da Praça da Redenção, à instalação e funcionamento inicial da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró – “germe da Universidade Regional do Rio Grande do Norte”, na expressão identificadora do Prof. Vingt-un Rosado.

Aquele homem que se fez “exemplo de humildade e desambição”, assinalando o meu respeito e reconhecimento na dedicatória de “A MULHER BRASILEIRA – DIREITOS POLÍTICOS E CIVIS” – 3ª edição.

Adolfo Rodrigues de Lima viverá sempre na homenagem que lhe tributam Vingt-un Rosado e Sebastião Vasconcelos, introduzindo o seu nome em meio a “Três Sobralenses a serviço de Mossoró e uma terceira viagem pelo universo de Miguel Faustino do Monte”, da Coleção Mossoroense, editado pela Fundação Vingt-un Rosado.”



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

VI – PEDRO LEOPOLDO

1 – Numa festa do ICOP

“I – UM MANDATO HONROSO – No lançamento do “DRAMA DE UMA ÉPOCA”, cabe-nos dizer a palavra oficial do INSTITUTO CULTURAL DO OESTE POTIGUAR, por delegação do seu Presidente Professor João Batista Cascudo Rodrigues.

Falar de Pedro Leopoldo é tarefa sobremaneira grata a um filho de Jerônimo Rosado.

Porque estes dois nordestinos exponenciais, um cearense de Sobral, o outro paraibano de Pombal, cimentaram, na terra de Santa das “eternas claridades visuais”, uma amizade sólida, depois do falecimento de Rosado, transformada no culto votivo da saudade.

Tantas vezes, escrevendo ou falando, Pedro Leopoldo exaltou o amigo ausente, que a nossa presença, nesta hora e nesta festa da inteligência, é também a presença da gratidão.

II – O HOMEM – O homem toda Mossoró conheceu. A simplicidade, a quase humildade, o cavalheirismo no trato.

O chefe de família exemplar, preocupado com a educação dos filhos, com a sua orientação no caminho do dever, nas estradas do bem.

Pois escravo do dever foi, durante toda a sua vida, o cearense de Sobral.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O ferroviário tinha uma verdadeira mística de bem executar as missões que lhe eram confiadas.

Missões tantas vezes árduas, tantas vezes milindrosas, consumindo-lhes saúde, tranqüilidade e o bem estar dos seus entes queridos.

Quando viajamos na estrada do sonho dos idealistas, na ferrovia de GRAF, de FELIPE GUERRA, de JERÔNIMO ROSADO, de VICENTE CARLOS, de SABÓIA FILHO, do velho VICENTE SABÓIA, de AGENOR SUZINE RIBEIRO, nem calculamos, nem avaliamos, o labor fecundo dos grandes administradores, o suor do operário anônimo, as horas silenciosas nos chapadões ressequidos, os dias ensolarados, a luta pela água, no chão do futuro, que os trilhos furavam conduzindo uma mensagem fraterna da cidade dos Libertadores.

III – O AMIGO DA CULTURA – Tinha apenas o curso primário. O Brasil está cheio de grandes homens que não tiveram possibilidades financeiras e econômicas para atravessar o primeiro estágio da aprendizagem.

Que belo e grande será este País do amanhã quando os homens e as mulheres do povo tiverem realmente acesso a todos os níveis de educação, instrução e cultura.

Antes disto, alguns vararam a barreira do autodidatismo e construíram, com denodo, o seu patrimônio de letras.

Assim foi Pedro Leopoldo, homem pobre, cedo jogado à luta diária da sobrevivência.

Mas com uma vocação admirável para o país do saber.

Disse-o no seu livro: “Eu sempre tive pendor para a literatura.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Comecei escrevendo quadras rimadas, charadas e logogrifos, crônicas de ficção, pequenos artigos de política, histórias e fatos da vida comum”.

Escreveu em jornais interioranos – “O JORNAL DO OESTE” um deles.

De sua autoria são uma plaquete e um livro, ambos integrantes da “COLEÇÃO MOSSOROENSE”.

IV – MINHAS MEMÓRIAS DA ESTRADA DE FERRO DE MOSSORÓ – De 1912 a 1950, com alguns intervalos, Pedro Leopoldo viveu a crônica da nossa Estrada de Ferro. Foi funcionário zeloso, operário, comandante por mais de uma vez, soldado, às vezes preterido, tantas vezes injustiçado, mas com uma Fé de Ofício que é uma beleza.

O construtor seria também o historiador. Nenhuma depoimento mais impressionante do que este se escreveu sobre a Estrada de Ferro de Mossoró.

Ninguém procure na Bibliografia de Pedro Leopoldo o estilista ou o escritor acadêmico. Encontrarão, na sementeira do operário inteligente, os materiais valiosos do documentário.

Muitos amigos me perguntaram quem era este Pedro Leopoldo, autor de trabalho tão marcante.

Aliás, no movimento cultural da Prefeitura de Mossoró, que DIX-SEPT ROSADO criou em 1948, houve essa preocupação dominante – a de reunir o documentário.

Muitos trabalhadores trouxeram o seu contributo. O movimento não era de doutores apenas. Um operário do gesso é um dos patronos do Museu Municipal.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Passam pelas páginas das memórias, os que se deram as mãos para a grande sinfonia do sonho do suíço João Ulrich Graf.

Alguns vieram de muito longe, engenheiros eminentes como Henrique de Novais, Edson Passos, Edgar Werneck, Paulino de Souza, Plínio Pompeu, Teódulo Rocha, Paulo Câmara, Valdemar Luz, e inscreveram os seus nomes, às vezes simultaneamente, na história da nossa Ferrovia e na história da República.

Vale uma viagem pelas “Memórias” de Pedro Leopoldo.

V – “O DRAMA DE UMA ÉPOCA” – João Augusto Seabra de Melo, um dos maiores Norte-riograndenses vivos, pela sua altitude moral, pela sua grandeza intelectual, pela sua sensibilidade, a quem eu pedira uma opinião sobre o livro de Pedro Leopoldo, a ele se referia com o mais simpático e elogioso julgamento, destacando-lhe, sobretudo, o valor documental.

Fale Pedro Leopoldo: “Há quarenta anos passados, atravessei uma época em minha terra, o Ceará, que jamais se apagará da minha memória. Foi isto, precisamente, de dezembro de 1918 a agosto de 1921. Naquele período a terra alencarina foi palco de um drama em que fatos de toda natureza saíram em cena; alguns revoltantes, outros comoventes, todos impressionantes. A eferescência política para a sucessão estadual, no quadriênio de 1920 a 24, que coincidiu com a seca de 1919, uma das mais calamitosas naquela região, foi uma travessia cruciante. Foi um flagelo agravado com uma incidência periódica, tornando-se assim um duplo flagelo”.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Este foi o drama que Pedro Leopoldo escreveu, com emoção, com inteligência.

“Anotei os fatos que me chegavam de fontes diversas e gravei na memória aqueles a que assisti pessoalmente. De todos fiz um esboço, na intenção de retocá-los e confeccionar um livro, movido pelo desejo ardente de narrá-los ao público e passá-los às futuras gerações.”

Havia uma luta de vida e de morte entre “Marretas” e “Rabelistas”. Duas figuras de moral diversa, de filosofia de vida diferente, encarnavam as hostes em choque. O Prefeito Caetano de Melo era símbolo da honradez sertaneja, do espírito público dos seus melhores homens.

Roberto Martins, o Pachola, governante improvisado, era o inverso do outro. A seca lhe dava as virgens para o seu desbragado furo sexual. Exemplar que não terá sido singular na paisagem nordestina, no período das nossas calamidades climáticas. Mossoró os teve como Sobral. Cêcê, era o português que queria enriquecer à custa de todos os expedientes, de todas as contravenções, de todas as falsificações.

Não existia, pelo menos, um para cada cidade, neste mundo de meu Deus?

Luciano Brandão era o Juiz íntegro, correto, que não se dobrava e não se vendia. Felizmente não é raça extinta a destes magistrados.

Padre Leandro não era o missionário para servir aos ricos e justificar as suas faltas. Era um dos justos no “país” de Sobral.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

VI – O NOME NACIONAL

O livro chegou-lhe nos derradeiros dias da existência. Poupei-me à emoção de assistir à grande alegria do lutador que estava nas suas últimas resistências físicas.

Embora na lucidez perfeita do espírito. Aos seus familiares ditava versos e os corrigia. Mandava que lessem capítulo do livro cuja publicação, tão ansiosamente, esperava.

Ansiava por este lançamento e chegou a escrever o seu discurso. Contou-me Aníbal que me tomara como patrono do acontecimento. Agora nós estamos fazendo a festa da inteligência de Pedro Leopoldo, com o amigo ausente.

Dona Antoniêta fora chamada para Deus e, uma semana após, o companheiro admirável seguira os seus passos, como nos romances antigos.

Ficou a lembrança da sua vida. A marca do seu trabalho e da sua inteligência. O País começa a tomar nota do seu nome.

Raimundo Nonato disse que ele continuou a tradição dos homens de letras do Nordeste brasileiro.

No outro Rio Grande, no “Correio do Povo”, Adel Carvalho fala no estilo simples e despretensioso de Pedro Leopoldo. Na mesma província dos pampas, Walter Spalding, mestre de História, no “Jornal do Dia”, afirmou que o “DRAMA DE UMA ÉPOCA” era obra documental e interessante romance que descrevia a vida social e política do Nordeste.

Outras vozes repetirão, no País inteiro, nos meses próximos, o nome de Pedro Leopoldo, o trabalhador da cultura, um grande soldado da “MOSSORO – SÃO FRANCISCO”.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

VII – UMA INFORMAÇÃO DE RAIMUNDO SOARES DE BRITO

“PEDRO LEOPOLDO nasceu a 22 de novembro de 1882, em Sobral-CE e faleceu em Mossoró a 28 de maio de 1965.

Ferroviário. Foi, segundo Vingt-un Rosado, “um grande soldado da “MOSSORÓ – SÃO FRANCISCO”.

Com “pendor para a literatura”, como ele próprio acentua, colaborou na imprensa e publicou uma plaquete e um livro de memórias – “O DRAMA DE UMA ÉPOCA”.

Na orelha desse livro do qual não chegou a assistir o seu lançamento, se lê: “O DRAMA DE UMA ÉPOCA – A tendência da literatura nordestina contínua a se projetar nos setores culturais do país, revelando nomes e apontando tipos e figuras que se movimentam na área do território das secas, através de curiosas descrições dos seus motivos, ora no romance regional, ora na pesquisa de fundo histórico-social.

Com este livro – O DRAMA DE UMA ÉPOCA – cujos fatos vivem no interior de uma cidade cearense, PEDRO LEOPOLDO passa a se enfileirar no itinerário que marca a vivência das letras, numa tentativa salvadora das circunstâncias do acaso, figuradas na luta do patrimônio político, sempre assanhado, de um daqueles feudos nordestinos, onde mandavam os chefes políticos mais poderosos de uma época.

Demais, evocando o tempo da memória, o autor pinta o cenário até certo ponto incompreensível, mais duramente realista, de uma dessas abandonadas comunidades interioranas do Nordeste,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

onde a política de aldeia faz dos homens feras, que disputam a posse do poder, não discutindo meios nem caminhos, uns que levavam à luta e outros, mesmo à morte.

Nessa disputa inglória, os obscuros preliantes nunca descobriram ou sempre ignoraram a lição do grego iluminado, quando ensinava ao mundo que a política é a arte de bem governar os povos, no sentido do bem coletivo.

Ali, não se pensava desse modo, pois, para todos, a eleição como expressão da vontade popular e, conseqüentemente, do regime democrático, era apenas uma forma de separar os homens e de atirá-los à fogueira da desarmonia e do ódio.

PEDRO LEOPOLDO é um homem de condições modestas, bom e leal às suas convicções.

Autodidata, mas dotado de uma acentuada vocação para as letras.

Estudou como pode e aprendeu, como DEUS lhe permitiu, as lições simples e duradouras da velha mestra da escola sertaneja.

E daí, leu quanto livro encontrou nessa caminhada do desbravamento da inteligência.

Militou no jornalismo da Província, escrevendo crônicas e artigos relacionados com a vida do Sertão.

Publicou diversas monografias, entre outras “Minhas Memórias da Estrada de Ferro de Mossoró”.

Possui alguns trabalhos inéditos.

Nasceu em Sobral, no Ceará.Ferrovário.

Depois, emigrou e fixou-se, definitivamente, em Mossoró.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Com este, “O DRAMA DE UMA ÉPOCA”, que é primeiro livro, e certamente não será o último, PEDRO LEOPOLDO continua a tradição dos homens de letras do Nordeste Brasileiro.

VIII – O DEPOIMENTO QUE IMPRESSIONOU HÉLIO GALVÃO

“MINHAS MEMÓRIAS DA ESTRADA DE FERRO DE MOSSORÓ

1 – A construção Porto Franco a Mossoró

Esta Via Transertaneja, como todas as grandes realizações almejadas, de aspiração geral - tem também a sua história, que a mim não é dado descrevê-la. Para narrar com precisão a história de nossa principal via de transportes, desde seus primórdios, com todos seus antecedentes, sua origem e os fatores que determinaram e influíram em sua realização, faltam-me elementos, faltam-me dados, que não me foi possível coligir. Limito-me, portanto, a descrever a sua construção levada a efeito por iniciativa particular, com os fatos correlatos à sua execução desde o ano de 1912, quando nela entrei em atividade, até 1950, quando dela me desliguei, por aposentadoria, com perto de quarenta anos de laborioso serviço. Começamos expendendo as vantagens da construção da Estrada de Ferro em apreço.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Quando construíram as primeiras Estradas de Ferro no Brasil, traçaram o plano para o sistema de Viação do Nordeste, que consistia em vias de penetração, isto é, estradas que partissem dos portos de mar para o alto sertão, tendo por meta o rio São Francisco. Dentro desse plano, a Estrada de Ferro de Mossoró seria entre todas a mais preferida, pois de todos os portos do Nordeste desde São Luís do Maranhão a Cabedelo na Paraíba, o de Mossoró era o de menor distância para atingir aquele grande curso fluvial. Entretanto, apesar dessa vantagem a nossa ferrovia foi sempre postergada pelos poderes públicos do Estado e da União, que assim permaneceu por muitos anos a mercê dos tempos e das oportunidades.

E assim correram, os tempos e o sonho dos mossoroenses era uma utopia. Quando iniciou-se a construção da “Mossoró” - a “São Luís a Terezina”, já estava em Caxias, a “Sobral” já estava em Crateús, a “Baturité” já estava em Iguatu, a “Central do Rio Grande do Norte” já estava nas proximidades de Lages, e a Great Western já estava aos limites com a Paraíba. Só a “Central do Piauí” foi posterior a “Mossoró”, de maneira que, apenas em 1916, a sua construção foi recomeçada.

Por uma coincidência, e um desígnio do Destino, em ambas essas ferrovias, assentei os primeiros trilhos. O empreendimento da construção da Mossoró, assumiu-o o operoso cearense - o Coronel Vicente Sabóia de Albuquerque, que foi o desbravador no Oeste Potiguar da invenção de Stevenson, levando à cidade de Mossoró o som estridente do silvo da locomotiva, que mais tarde



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

prolongaria os dois tentáculos de aço até às margens do “Piranhas” na Cidade de Souza do Estado da Paraíba.

Em anos anteriores, o governo do Rio Grande do Norte fizera concessão a um grupo de homens de negócios, para construir uma Estrada de ferro que partindo do Porto de Areia Branca em direção à Cidade de Mossoró, dali se prolongasse até os confins do Estado, no Povoado de Barriguda (depois Alexandria) dentro de um determinado prazo. Fazia parte dessa sociedade o Coronel Francisco Solon, industrial salineiro na Vila de Grossos, e como o mais interessado dos concessionários para que o contrato não caísse em comissão, mandava o Governo do Estado que dera início à construção da Estrada de Ferro.

Neste ínterim, surgia a figura dinâmica de Vicente Sabóia, que se propôs a incorporar-se aos demais concessionários e tomar a seu cargo a execução da construção. Entabulada, discutida e acertadas condições estipuladas, entre o Governo e partes contratantes, o novo proponente meteu mãos a obra. Mandou logo o Engenheiro Paulo de Azevedo proceder aos estudos do traçado e do levantamento topográfico, e depois de confeccionadas as respectivas plantas, mandou atacar os serviços de terraplanagem. Para dirigir esse serviço fez transferir da construção do prolongamento da Estrada de Ferro de Sobral, o seu sobrinho Engenheiro prático João Marinho de Albuquerque Andrade, e nos primeiros dias de Agosto de 1912, era solenemente inaugurado o início dos trabalhos. O Dr. Felipe Nery de Brito Guerra, Juiz de Direito da Comarca, foi o operário simbólico, que deu o primeiro golpe



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de picareta no leito da ferrovia do Oeste, e, naquele sulco indelével, ficava fincado um novo marco do progresso.

As esperanças fagueiras empolgavam o espírito de todo o povo de Mossoró. Todas as classes ativas enxergavam naquele empreendimento um melhoramento de benefício comum. Uma nova era sorria para a vida daquela gleba!

O Governador Alberto Maranhão, cheio de idealismo e entusiasmo, proclamava: “Fez-se no meu governo”! Tudo era sonho, vontade e esperança!

Depois de alguns dias por uma questiúncula de exigência operária, os serviços foram suspensos em Mossoró, e transferidos para a Vila de Grossos, que segundo o primeiro projeto, era o ponto inicial. Em um casarão de propriedade do Coronel Solon, ficou instalado o Escritório, onde residiam os funcionários – o referido Engenheiro João Marinho, o Secretário João Capistrano do Couto, um continuo, eu quando cheguei, e depois outro Engenheiro, o Superintendente – Dr. Henrique de Novais, todos ficamos residindo ali.

O Engenheiro chefe da construção, empregou todo o pessoal operário em uma grande tangente do traçado, que não podia ser modificado, enquanto se estudava e se projetava a linha de ligação, entre o ponto e a Estação 280, onde começava a linha projetada.

Por solicitação do Coronel Vicente Sabóia, em Outubro de 1912, fui transferida do prolongamento da Sobral, já em Crateús. Na primeira quinzena de Novembro aportava em Areia Branca, e no mesmo dia chegava em Grossos, que distava mais ou menos



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

seis quilômetros por via fluvial. Trazia comigo alguns operários com família, e depois de acomodar todos, como me foi possível, em suas barracas improvisadas de palha ou de folhas de zinco, que era o melhor meio de abrigo – e de eu receber todas as instruções para o cargo que devia exercer com as devidas atribuições, entrei em função ficando a meu cargo todo o serviço de terraplanagem.

Três dias depois de minha chegada a nossa residência dois cidadãos de Mossoró em visita de cortesia ao Engenheiro João Marinho. Depois de lhes ser apresentado, um deles apresentava em seu semblante o melhor regozijo pela boa marcha da construção. Era conciso, de poucas palavras, falava mais com a alma do que com a língua. Diante da impressão que aquela figura me causou, eu lhe fiz esta interrogação indiscreta: Qual é o grande interesse que o senhor tem na construção desta Estrada? Servir ao público e a humanidade! Respondeu-me formal e laconicamente, mas sem demonstrar desagrado.

É que aquele cidadão parecia ser inspirado por uma mentalidade sobrenatural; em seu espírito de clarividência, que aquela via de transportes seria de futuro beneficiária, de seus filhos, no carregamento dos produtos de suas jazidas de gesso que exportam constantemente para muitos centros industriais do País. O cidadão a quem eu me refiro, era o farmacêutico Jerônimo Rosado, e outro seu companheiro era João Ferreira Leite, ambas figuras de relevo nos círculos sociais. O peso do trabalho, que agüentei a ombros, foi tão árduo e penoso, que hoje ao recordá-lo, imagino como pude resistir. Saía para o campo às cinco e meia,



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tornava simplesmente uma xícara de café; passava todo o dia fiscalizando e dando instruções de trabalho aos operários, sem ter ao menos uma hora de repouso e de descanso, mesmo porque não tinha ali onde pudesse repousar, e só às quatro da tarde voltava a casa, quando depois de um ligeiro banho, fazia a minha primeira refeição. Este regime de sacrifício durou três meses; de meado de Novembro a meado de Fevereiro, quando chegou a família do novo superintendente que passou a residir na mesma casa do Escritório, onde eram aboletados todos os funcionários. De meu novo cargo de minha profissão fiz um sacerdócio. Trabalhava com o maior devotamento, com todo o afinco, sem queixar-me de fadiga e sem visar proventos. Depois dos estudos e levantamento do terreno, o chefe da construção projetou a planta, que apresentava um pequeno movimento de terras, e em seguida ataquei aquele pequeno trecho.

A minha faina, cada dia, mais se intensificava, desdobrando o meu trabalho. Em fins de Dezembro chegou o Superintendente esperado, de quem acima falei o Dr. Henrique de Novais. Era um homem forte; ainda moço que apenas contava vinte e oito anos de idade, de muita capacidade de trabalho. Era já casado em segunda núpcias com Dona Maria Eugênia Matoso de Novais. Era um Engenheiro, provector e competente, que se distinguia pelo seu valor intelectual e profissional, e depois deixou o seu nome firmado na galeria de honra do Clube de Engenharia e, depois no campo da política, foi eleito Senador pelo Estado do Espírito Santo, sua terra natal.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS SEM MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Este Engenheiro, pela sua capacidade técnica, vinha munido de poderes para deliberar todos os assuntos concernentes à nova construção, desde a parte técnica à administrativa: desde o traçado, à localização do porto, do ponto de partida.

Quanto a esta questão, os habitantes de Areia Branca alimentavam a pretensão para que o ponto inicial da via férrea, fosse localizado no ponto fronteiro àquela localidade, que no caso em discussão seria o Povoado da Barra, do outro lado do estuário.

Para dirimir a disputa entre Areia Branca e Grossos, o novo chefe deliberou que a novo porto ferroviário e marítimo fosse firmado em “Oficinas” onde fora antigamente uma Xarqueada – de que ainda se encontravam os vestígios - que ficava no meio do triângulo entre Grossos, Areia Branca e Barra. A decisão do Dr. Novais, foi a mais infeliz e prejudicial... Preferir o porto de Grossos, ao da Barra, seria um contra-senso, mas preferir o porto em Oficinas sobre outros locais, seria um erro, um desastre, um crime, cujos efeitos perniciosos ficariam para o futuro, em detrimento do público e da própria ferrovia, como logo depois, ficou patente e comprovado.

O local designado para o ponto de partida da Estrada de Ferro era o mais árido e inóspito de todas as praias do Nordeste. Situação numa vasta área de terreno saliginoso, estéril, desnudo, que a não ser uma estreita orla do mangue, não medrava em seu solo a menor erva do campo. Sentia-se ali uma atmosfera saturada pelos ácidos, que evaporavam da terra, com um ar pesado, ressecante, enervante e deletério. Pelo lado material contra a própria ferrovia, o prejuízo era evidente. A ação corrosiva que o sal tem sobre o



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ferro é tão destruidora que o aniquila dentro de poucos tempos. Assim todos os trilhos com seus acessórios, distendidos dentro de um trecho de mais de dois quilômetros precisam ser substituídos, no máximo, dentro de cinco a seis anos. Quanta despesa e trabalho aquele erro não tem causado!

Não existia aí uma fonte d'água, nem mesmo para as necessidades domésticas; não tinha terreno elevado para as necessárias edificações, e não se tinha comunicação com os núcleos habitados. Tudo ali era nocivo e insalubre; nem mesmo os batraquios encontrariam naquele descampado elementos de vida. Foi, assim, de todos os portos do Brasil, de todas as estações de Estrada de Ferro, a que nunca pode ser habitada.

Ao passo que na Povoação da “Barra”, tudo era diferente, tudo era favorável. Existiam já muitos habitantes com suas famílias o seu pequeno comércio com suas mercadorias, a sua vegetação florescente com seu coqueiral, suas fruteiras e seus jardins; água abundante para o consumo, e uma boa área de terreno para novas construções. A sua enseada era a mais apropriada para um ancoradouro. Com cento e poucos metros de aterro com proteção, acima do nível das grandes marés e com uma ponte de menos de cem metros de extensão, podia-se atingir uma profundidade para atracar navios de grande calado. Além dessas vantagens, os primeiros quilômetros de trilhos seriam aleitados em terreno firme sem a deterioração do sal. Diante do exposto, tem-se a conclusão de que a solução proposta pelo Engenheiro Henrique de Novais, foi um erro tão funesto que jamais se poderá reparar.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Assentada a localização do porto, deu-se andamento a ligação da linha já construída – que partira de Grossos – começando com um grande aterro da altura de um metro na extensão de mais de dois quilômetros, todo transportado a balaio em ombros de operários salineiros, pois não era possível fazê-lo a carro de mão devido a atoleiros do terreno.

Concluído o serviço de ligação do ponto inicial até a estaca 244 – onde se fez uma igualdade de junção, com a diferença de 280 metros – arribei de Grossos, e transportei-me para a estaca 730, no fim de uma tangente de nove quilômetros onde fiquei aboletado por pouco tempo, até quando me transportei novamente para a estação 900, onde depois se instruiu uma casa de turma, e onde permaneci até o mês de Setembro, quando concluí o serviço de terraplanagem de minha Residência, que terminava na estaca 950, ou seja no quilômetro 19. Ali passei, sete longos meses segregado do mundo, entregue a meus labores. Só aos domingos, eu ia passar em Grossos, em casa de meu chefe – o Dr. Novais, que, com sua senhora, me acolhia com toda bondade.

Dentro deste período, em Abril de 1913, chegava do Ceará o meu velho amigo e companheiro de serviço – de quem fui auxiliar da Estrada de Ferro de Sobral na cidade de Cratêus – Vicente Carlos de Sabóia Filho, parente próximo do Coronel Vicente Sabóia – a quem me tenho referido – que era um prático abalizado em serviços de construção, e entrou logo em atividade. Depois de instalar-se em sua Residência, começou o serviço da estaca 950 até Mossoró numa extensão de 18 quilômetros e setecentos metros. Foi, como eu, um devotado e assíduo servidor.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Foi ainda mais do que eu: foi um temerário, foi um sacrificado. Por uma intolerância a bem do serviço, ele foi agredido por um operário sanguinário, que lhe vibrou profunda punhalada, levando-o às portas da morte. Felizmente, com os maiores cuidados médicos, ele foi melhorando até a cura completa.

Terminado o serviço da 1ª Residência em Setembro de 1913, eu voltava a Oficinas onde fixei a minha residência até Fevereiro de 1916, quando desliguei-me por alguns tempos dos serviços da “Mossoró”. Ali eu já encontrei concluída a ponte de descarga que o Dr. Novais havia construído. Era um viaduto com cerca de cem metros de extensão, com cimo de pinho de Riga, montado sobre esteios de carnaúba e maçaranduba, numa largura de oito metros. Sobre esta ponte tinha uma linha de trilhos, que se prolongava na extensão de um quilômetro, como preparativo para receber os materiais que ali desembarcassem. Ao longo da linha já estavam empilhados quarenta quilômetros de trilhos com seus respectivos pertences, adquiridos na Alemanha, das Fábricas Krupp comprados cif. a 170 reis o quilo com todos os acessórios, desde o grampo à tala de junção.

Ali eu ao chegar comecei a assentar pequenas linhas auxiliares de desvios, com seus aparelhos de mudança, sobre a ponte, para um triângulo de reversão, e para um galpão, que ao mesmo tempo construí, destinado a depositar e montar o material rodante, que era esperado até o fim do ano.

Logo depois que cheguei em “Oficinas” era afastado da Superintendência da Estrada o Engenheiro Henrique de Novais, sem haver um motivo razoável que justificasse aquele ato da



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Empresa. Serviram de pretexto pequenas tricas de ordem política, mas sem fundamento. O mais aparente era que Novais tinha mensalmente os vencimentos de 1600\$000 que confrontado o valor monetário de hoje, ao câmbio daquele tempo, valia por Cr\$ 64.000,00 e a Empresa podia prescindir dos serviços daquele técnico.

Para substituir o Dr. Novais foi nomeado – em quanto vinha um outro chefe – o Dr. Antônio Soares Junior, que era médico da Estrada, e era ao mesmo tempo um nome que servia de estímulo para o panorama político que dominava naquela época, e o Coronel Sabóia tinha habilidade para se aproveitar dessas coisas.

Poucos dias depois, chegava o novo Chefe – o Engenheiro Otávio Aranha, um celibatário, um excêntrico. Era mais um oficial de gabinete do que um profissional de sua carreira. A sua única ocupação foi organizar uma escrita e levantar e por em dia as contas da construção com as folhas de pagamento. Todos os dias singrava de Areia Branca para Oficinas em uma bateria a vela equipada com três tripulantes bizarramente fardados.

Cerca de dois meses depois, Aranha foi demitido, e o humilde autor deste relato ficou encarregado de todos os serviços da Estrada. Ao ser investido do cargo não me ufanei daquela alta função que eu a julgava de meus méritos: preocupava-me somente o peso das responsabilidades que recaiam sobre meus ombros, com os escrúpulos e a timidez de que eu me senti dominado. Lembrei-me daquela sentença de um grande pensador – “As grandes investidas avultam os pequenos homens”.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Os serviços que tinha a braços eram diminutos e concentrados, mas exigiam muita ordem, boa disposição e muita atividade.

Eram esperados grandes carregamentos de materiais de assentamento da via permanente, e todo o material rodante, desde os vagões de carga às locomotivas. De fato em fins de Dezembro chegava um cargueiro de procedência da Bahia, com um carregamento de 16.000 dormentes, que conseguiu transpor a barra e fundear em nosso trapiche. Com antecedência eu havia mandado um prático da barra firmar uma bóia de atração em nosso ancoradouro onde o navio foi atrelado. Quando fazia pouca água, com a vazante da maré, o Vapor não adernava porque era de fundo chato, e assim conservou o equilíbrio até o fim da descarga. Para que não se pegasse estadia do navio precisava-se aproveitar o tempo o máximo possível. Devia-se entrar pela noite; era am trabalho afanoso, em que eu devia empregar todo esforço. Felizmente vencemos a batalha. Terminamos o serviço com muita margem para o prazo da estadia. Trabalhava-se a noite com todo afinco, mas nunca ocorreu um acidente.

Nas proximidades da chegada daquele cargueiro, chegava o Chefe da Empresa Coronel Vicente Sabóia, que há muito tempo ali não aparecia. Temia que a sua presença viesse atrapalhar a minha administração com muda implicância, que lhe era peculiar nos menores detalhes de serviço – mas ao contrário – ele veio me prestar auxílio; agia comigo de comum acordo que mais parecia um auxiliar do que um chefe. Passava o dia comigo no serviço, e a noite dormíamos ao mesmo aposento; fazia somente as refei-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ções a bordo do vapor, porque a minha mesa era pobre, principalmente por falta de um bom cozinheiro.

Depois de concluído o serviço da descarga, aquele chefe seguiu para Sobral, sua terra natal.

Enquanto eu trabalhava nos serviços das linhas de desvios, os carregamentos, continuavam subseqüentes. No mês de Janeiro veio outra partida de dormentes embarcados no Ceará, e ao mesmo tempo recebia aviso da partida de outro vapor – o “Peter-Hand” – de nacionalidade norueguesa ou inglesa – que de fato, chegou em começo de Março. Trazia todo o material rodante embarcado na América do Norte: carros de carga, abertos e fechados, carros de passageiros, e duas locomotivas. Acompanhava esse material, tomando o mesmo vapor o mecânico Euclides Pinto Martins, que vinha auxiliar na montagem e servir de intérprete de inglês entre nós e a oficialidade do vapor. Este artífice depois do piloto aviador um dos pioneiros do ar brasileiro que se cobriu de glória, e que deu nome a um dos aeroportos de Fortaleza.

Logo depois da descarga, chegava um outro Engenheiro mecânico, dos Estados Unidos, enviado pelas Fábricas Beldwin de Filadélfia, para montar as duas locomotivas. Este Engenheiro, auxiliado por Pinto Martins, fez a montagem em pouco mais de um mês, enquanto outro mecânico, o espanhol José Cela, vindo de Camocim, fazia simultaneamente a montagem dos carros de carga e de passageiros.

Quando se terminou a montagem da primeira locomotiva que se fez a experiência na linha, foi um acontecimento de grande satisfação e júbilo para todos que ali trabalhavam e para o públi-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

co em geral. Todo pessoal das localidades vizinhas ali correu para se congratular com o evento. O silvo da locomotiva com o espiral de fumaça saído da chaminé, era recebido como o prelúdio de um mimo que Deus prodigalizava aquela terra.

Em Junho de 1914, estava concluído todo o serviço da montagem. Os montadores das locomotivas voltaram aos seus postos e José Cela - o montador dos carros voltava a Camocim.

Voltando ao serviço de terraplanagem, em Fevereiro de 1914 Vicente Carlos de Sabóia Filho (Saboinha) terminava todo serviço da 2ª Residência até Mossoró, na extensão acima mencionada, com as bases da Estação - que depois se construiu - e todas as obras de vazão. Por ordem da Empresa ele era transferido para a cidade do Acari, no Estado, para servir na construção do açude Gargalheira, que a mesma empresa ia efetuar, por contrato com o governo federal. Como se vê, em um ano e seis meses era concluído todo o leito da linha até Mossoró preparado para o assentamento da via permanente, que dependia de autorização do Rio. A estrada cuja leito estava pronto, com exceção do erro na localização de seu porto - melhor não se podia desejar pelas suas condições técnicas para o tráfego - em seus alinhamentos e seus grades. As curvas eram todas de 200 metros de raio acima, e as rampas máxima eram de 0,010. O Dr. Novais, que a projetou, era um especialista abalizado, pela sua visão topográfica e o seu senso prático de estudioso do assunto. Foi uma construção econômica e baratíssima. Da 2ª residência eu não tenho em mão a cifra de seu custo, mas a 1ª por mim administrada e dirigida, conservo todas as notas em meu poder das medições calculadas, das des-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

pesas de cada mês e de cada turma, tiradas das folhas de pagamento, na importância de 83.449\$250 com um volume de 67.793,72 a exceção do aterro das salinas feito por tarefa, que também não constava das folhas de pagamento. Esta despesa suplementar calculo em 900\$000. Custo do metro cúbico: 1\$234.

Com a transferência de Saboinha para o “Gargalheiras”, como acima expus, era eu o único remanescente que continuava no trabalho. O primeiro que se desligou, foi o Engenheiro João Marinho, por uma desinteligência com seu tio, o chefe da empresa, em seguida Jazo Capistrano do Couto, depois o Dr. Henrique de Novais e o Dr. Antônio Soares Júnior médico contratado; os Apontadores – que aqui já encontrei – Herisberto Pedrosa e Florencio de Medeiros.

Em fim de Junho, recebi autorização para contratar em Mossoró seis mil dormentes postos nos quilômetros 32, para completar a quantidade precisa até o fim do trecho. O Farmacêutico Jerônimo Rosado de quem acima falei – amigo e servidor espontâneo da estrada, foi o intermediário deste negócio. Contratou com pessoas de sua confiança, com as condições e preços por mim especificados: 1ª classe – 4\$500, 2ª classe – 4\$000, 3ª - 3\$500. O material foi posto no local, dentro do prazo ajustado. Assim, tudo preparado para o assentamento, aguardava com ansiedade a ordem de atacá-lo.

No dia 1º de Agosto, era avisado da vinda de um novo chefe – o Engenheiro Rufino Franklin de Lima, e no mesmo despacho me autorizava a atacar o serviço. No dia seguinte mandei entalhar e furar dormentes, e no dia 5 eu começava a estender trilhos.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O pessoal que me cercava, antigos operários ali a postos, não estava menos ansiosos do que eu; meti mãos a obra e embora, com um número diminuto de operários, assentava diariamente mais de duzentos metros de linha, toda cravada e ligeiramente calçada que permitia, com segurança, a entrada da locomotiva. Quando chegou o Dr. Rufino Franklin, antes do fim do mês, eu já havia assentado uma grande extensão de linha, e senti um alívio no espírito; retirava de meus ombros um peso que carregava sobressaltado.

Desde então, por autorização do novo chefe aumentei o número de operários e desenvolvi mais o trabalho. Tinha como meu melhor auxiliar Inácio Lopes – um rapaz do Ceará que eu admitira no serviço e que foi depois mestre de linha – João Marques de Melo, maquinista, João Delmiro de Melo, foguista, um feitor de nome João Evangelista, recomendado de Rosado, e muitos outros operários trabalhadores disciplinados e úteis. Com essa equipe cheia de boa vontade, o meu serviço avançava a largos passos, de maneira que antes de findar Novembro eu chegava no quilômetro 21, onde assentei um desvio para facilidade do serviço; nele coloquei um cano de Correio e Bagagem e passei a utilizá-lo para meu alojamento. Este local ficava próximo da residência de um fazendeiro, que os primeiros tempos era amigo da Estrada. Era um segundo Rosado, de utilidade diferente, mas igualmente sincero e dedicado. Prestava-nos obsequio de toda natureza, cada vez que a ele nos dirigíamos. Este bondoso e simpático homem, a quem me refiro, era o abastado proprietário Pedro Ferreira Néó.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Com o mesmo ritmo dos primeiros meses, prosseguia com meus trabalhos ainda com a vantagem da prática adquirida pelos operários, de maneira que aos primeiros dias de Janeiro de 1915, chegava no “Canto do Junco” – onde o Saboinha estacionara por alguns tempos – e no dia 7 de Fevereiro eu entrava em Mossoró. Durou, portanto, seis meses e dois dias do meu último trabalho de campo.

Em seu percurso, passava por alguns lugares que lembrava certos episódios ocorridos ou relacionados comigo, na primeira construção. Algumas evocações me deleitavam o espírito, outras, porém, me recobravam a tristeza. Tudo, finalmente, eram pequenos fatos já diluídos com os dissolventes dos tempos e que não deixaram conseqüências.

Ao chegar com a ponta dos trilhos na cidade, pessoas curiosas de todos o subúrbios se aproximavam para conhecer a grande novidade desde o mecanismo dos trabalhos ao movimento da locomotiva. Quando já nos aproximamos do local da Estação, um popular ignorante, em pé no leito da linha me perguntava displicente: seu chefe quando será que esse negócio chega aqui? Já chegou. – Revire-se da linha senão será machucado pela queda dos dormentes. – Foi minha resposta.

No dia seguinte o Superintendente, eu, o Coronel Bento Praxedes – que era o Fiscal por parte do governo – e muitas pessoas gradas, se reuniram naquele ponto, para manifestar o seu regozijo pelo grande acontecimento. Houve discursos, vivas, aplausos, etc. Nesta data a Empresa no Rio marcava e avisava o dia da inauguração, quando a Estrada seria entregue ao tráfego público -



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

19 de Março de 1915. Uma vez concluído o serviço do assentamento, tratei de consolidar a linha e assentar os desvios com os aparelhos de mudança e o triângulo de reversão, para que tudo ficasse concluído antes do dia da inauguração.

No dia 11 chegava em Areia Branca o Dr. João Tomé de Sabóia e Silva, ex-Diretor da Estrada de Ferro de Sobral, meu antigo chefe e benfeitor – que dois anos depois era eleito Presidente do Estado do Ceará, e mais tarde Senador da República. Este ilustre Engenheiro vinha incumbido pela Empresa de fazer a inauguração, organizar todo o serviço do tráfego, com os funcionários necessários em seus respectivos cargos, com o regulamento e as bases de tarifa dentro dos moldes da velha “Sobral”. E no dia aprazado – 19 de Março de 1915 – debaixo de ruidosas aclamações era entregue ao tráfego público o primeiro trecho da via férrea do Oeste Potiguar. O representante do Governador – aquele mesmo magistrado que vibrara na terra o primeiro golpe de picareta - cortou a fita simbólica, e em seguida seguiram-se os discursos. Falou primeiro o representante da Empresa – Dr. João Tomé, depois o Coronel Bento Praxedes como fiscal e chefe político do Município, e alguns outros oradores.

Na partida do trem inaugural, distribuí com os passageiros – as pessoas mais gradas de Areia Branca – uma caixa de cerveja, inaugurei a primeira estação e parti para Mossoró, recebendo em todo percurso da viagem cumprimentos amistosos de todos os passageiros.

Depois do ato inaugural – expansivo, entusiástico e exultante, mas sem pragmática – as classes sociais de Mossoró, ofereceram



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

a Administração da estrada um suntuoso banquete representado pela elite, a flor da sociedade. Ocupou o lugar de honra do topo da mesa, o representante do Governador, Dr. Felipe Guerra, em seguida o Dr. João Tomé representante da Empresa, o Superintendente, Dr. Rufino Franklin, depois o executor dos trabalhos, o humilde autor desta narrativa. Do outro lado, seguia-se o Cel. Bento Praxedes e outras pessoas de relevo.

Foi uma festa pomposa, mas sob a sombra de uma nuvem tenebrosa – a seca de 15 que já apresentava os seus pródromos. Passara o dia do equinócio – a última esperança de inverno e as chuvas não vieram. Aquele melhoramento era assim deslustrado por uma calamidade. De qualquer forma, estava realizado o sonho de duas gerações; Mossoró tinha a sua via de transporte, livre de pendência das barcaças a remo e a vela de Areia Branca ao Porto de Santo Antônio, e dali a carro de boi até a praça. A Deusa benfazeja do progresso acariciava com sua mão a cidade de Mossoró.

No dia 21, o Dr. João Tomé distribuía todos os cargos de funcionários do tráfego. Indicou-me para Agente da Estação inicial que para todos os efeitos – tomou o une de “Porto Franco”. Para Agente de Mossoró, um meu conterrâneo Ciriaco de Oliveira, para Condutor, Francisco Néó, filho de nosso amigo Pedro Néó – acima citado. Para Mestre de Linha Inácio Lopes, para meu Conferente Gil da Silveira Martins, para auxiliar Cosme Pontes, e para telegrafista Francisco Galvão de Miranda, todos rapazes ativos que desempenharam bem as suas funções. Eu, porém, não recebia de bom grado o posto que me era confiado.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Eu tinha aversão aos cargos de caráter permanente com distintivos oficiais, mas como não havia outro melhor, eu me conformara e a ele me adaptei.

Poucos dias depois eu trajava uma farda de caqui abotoada até o pescoço e um boné com um torçal e botões dourados sobre a pala e era o soldado de uma via-férrea, com o juramento de servir a ela e ao público, a qualquer hora do dia e da noite, e com a melhor disposição: assumi o cargo com o meu costumado esforço.

Os serviços internos da estação – despachos, peso e embarque de carga – entreguei a meus auxiliares, e voltei as minhas vistas para o trapiche, onde eu devia fiscalizar, desde a atracação das barcaças até a descarga pelo guindaste, e a mercadoria sobre as pranchas para que os larápios não a roubassem.

A seca recrudescia em seus horrores; dezenas de míseros flagelados afluíam para apanhar os farelos que se derramavam sobre os carros de descarga, mas não consentia que ninguém levasse uma mão-cheia; mandava aproveitar tudo, punha dentro dos sacos dilacerados e mandava costura. Hoje tenho remorsos do meu rigor, porque afinal, aquela mercadoria pertencia a comerciante ricos que não interessavam aquelas migalhas, mas de qualquer forma acima de tudo, estavam os meus escrúpulos que vinham da consciência.

Alta noite eu ia ao pátio da Estação, onde havia muita mercadoria exposta – verificar se o vigia estava acordado, e quando o encontrava dormindo, despedia-o do lugar. Tenho porém, plena certeza de que eu era mal compreendido. E deste modo de agir, continuei a minha administração admirado e estimado por uns,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

detestado por outros, mas de qualquer forma, com a consciência tranqüila.

Em Dezembro, obtive uma licença e fui a minha terra visitar minha família. Antes de terminar o prazo de minha licença, recebia um despacho do Rio para voltar imediatamente a Mossoró. No dia seguinte tomei o trem para Camocim, e ali embarquei no mesmo dia, pensando qual seria o motivo porque me chamavam com tanta presteza. Ao passar por Fortaleza, uma pessoa de Mossoró, que ali encontrei, me informava que o Engenheiro Rufino Franklin fora demitido, e substituído por outro Superintendente. De fato, ao saltar do vapor, deparei-me com o Contador da firma, Sr. Nestor de Oliveira que tornava o mesmo Vapor e que viera dar posse ao novo chefe. Chegando ao meu posto, na Estação de Porto Franco – no começo de Janeiro de 1916 – eu encontrei muito transtorno e desorganização; tudo diferente do que ali deixara. Os quatro guardas, operários de minha confiança, o Agente meu substituto havia – os demitido. O guindaste de descarga do trapiche sem funcionar por falta de uma peça que se quebrara; as barças carregadas umas atrás das outras em torno do trapiche e um vapor carregado aguardando descarga. Tudo a toa, tudo desconchavado. Procurei logo sanar aquelas irregularidades. Mande logo confeccionar a peça do guindaste, e mandei descarregar a braços a carga das barracas aproveitando as enchentes das grandes marés de Janeiro, de maneira que depois para tomar qualquer providência em emergência de serviço, e como tal era compenetrado convicto e voluntarioso. Por um desses característicos de meu temperamento, alguns dias depois, cai no desagrado de meu



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

novo chefe, e desde então as coisas foram se azedando até que rompi formalmente. Fiquei suspenso do serviço. Eu não julgava com direito de ser preterido ao Superintendente e; assim, pedi minha demissão e fiquei afastado do cargo.

O Cel. Vicente Sabóia, considerando o meu estado moral, passou-me um telegrama de estímulo e conforto e me oferecia uma nova colocação. Então, voltei ao Ceará, com promessa de empregar-me na Estrada de Ferro de Sobral. Ali cheguei em dias de Fevereiro de 1916, quando me convidaram para a “Central do Piauí” na cidade da Parnaíba, onde assentei os primeiros trilhos como para assumir o cargo de Mestre de Linha na referida “Sobral”, onde em 1910 iniciara a minha carreira:de ferroviário.

2 – O prolongamento até São Sebastião

Quando se inaugurou o primeiro tráfego até Mossoró, em 1915, o Cel. Vicente Sabóia, sem medir sacrifício, mandava fazer os estudos - com a renda da própria Estrada, e por conseguinte, a custa da Empresa – de todo o serviço da exploração. Para esse fim enviou o Engenheiro Plínio de Castro Nunes, com um auxiliar nivelador que chegava a Mossoró em Outubro do mesmo ano. Depois de um ligeiro reconhecimento, aquele Engenheiro começou a primeira tangente do outro lado do rio – no ponto suposto do local da ponte – em direção a uma maior altitude depois de transpor a várzea. Pegou uma planície afastada do rio e por ela seguiu sempre afastado da reentrância dos baixos até pegar a



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

chapada. Quando galgou uma longitude afastado do rio cerca de seis quilômetros rumou para o ponto do destino, onde chegou com cerca de dois meses de trabalho. Concluído assim os estudos com as plantas de alinhamentos e declividades, o Cel. Vicente Sabóia entrou a pleitear do governo a construção do prolongamento pelo qual os mossoroenses, por sua vez, também se batiam, por seus vultos mais representativos. Jerônimo Rosado o mais propugnador telegrafara a todos os proceres de maior influência política, desde o Deputado Augusto Leopoldo até o governador de Pernambuco General Dantas Barreto. Rosado era um trabalhador perseverante, e era idealista enquanto os outros chamavam – a “Mossoró” – Barriguda” ele denominava – a “Mossoró-Petrolina” que era realmente o primeiro destino idealizado.

Como já expus, retirei-me em Fevereiro de 1916 e não sei descrever com precisão o que ocorreu durante o tempo de minha ausência até 1925, quando voltei novamente aquelas lides para onde o destino me impelia O que sei de ciência própria é que em 1917 foi demitido o Engenheiro Superintendente Antônio Vitorino Avila, com quem eu me incompatibilizara e foi substituído pelo meu velho amigo Vicente C. Sabóia Filho, como um prêmio de seus serviços e de desagravo, ou de conveniência me convidava para o meu antigo cargo de Agente do Porto Franco.

Não convinha naquela quadra afastar-me do Ceará e por proposta minha, que foi aceita mandei em meu lugar o meu ex-colega Ciriaco de Oliveira, que como eu dali se afastara em 1916.

Em 1918 por motivo de moléstia do Saboinha, recebi outro convite para ir substituí-lo durante o tempo de seu afastamento



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

em tratamento de saúde. Mais uma vez pedi excusa daquela incumbência, temendo não desempenhá-la com eficiência, devido não estar enfronhado nos moldes de serviços adotados depois de meu afastamento. Depois soube por notícias indiretas que o governo federal, mandara uma comissão chefiada pelo Engenheiro Paulino de Souza – sobrinho do antigo caudilho político, Visconde do Uruguai – levar a construção do prolongamento até São Francisco. Essa comissão fez a locação da linha, com seu traçado, sobre os estudos de Plínio de Castro Nunes, alguns serviços de terraplanagem, mas não sei por qual motivo, revirou-se sem concluir o serviço. No ano seguinte veio outra comissão chefiada pelo Engenheiro Edgar Werneck – depois assassinado em Recife, já como Diretor da Great-Western – que ataco todo serviço de terraplanagem, obras de arte e assentamento, de maneira que quando se retirou já deixou todo o leito praticamente concluído, muitas obras de arte e os trilhos, estendidos até o quilômetro 53, onde também construiu uma casa de turma.

Dentro deste período, a Empresa no Rio constituía uma nova firma sob a razão social de “Companhia Estrada de Ferro de Mossoró”, elegendo como Diretor Presidente o Engenheiro José Luís Batista e como Diretor Gerente Vicente Carlos Sabóia Filho, já nas funções do mesmo cargo.

Passaram-se os tempos. Em 1923 – depois de seis anos de serviços na estrada de ferro de Sobral – eu deixava o cargo que exercia; resolvido a deixar a minha profissão de ferroviário, e abraçar a vida rural na lavoura e na pecuária. Sempre me comunicava com meu amigo Saboinha, sobre ocorrência da velha



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Mossoró” – da qual eu nunca esquecia – e em junho de 1925 ele me convidava para vir trabalhar nos serviços complementares do prolongamento para São Sebastião - que a Companhia havia contratado com o governo – conduzindo o pessoal que pudesse angariar. Aceitei o convite, e no mês seguinte parti deixando minha família na cidade do Ipu, onde eu residia. Tornei o Vapor em Camocim e desembarquei em Areia Branca com três dias de viagem. Em Porto Franco aguardava a minha chegada o meu íntimo Saboinha – a quem não via há dez anos – e juntos seguimos para Mossoró. Encontrei tudo diferente, tudo mudado, todo reformado. O Agente de Porto Franco não era mais Ciriaco de Oliveira, que há tempos falecera. Ocupava o cargo Manoel Silvino de Souza, que eu deixara como bagageiro; o Conferente Agente de Mossoró era um cearense, Francisco Santiago de Freitas, o Contador era Irineu Wanderley dos Santos e não José Eustáquio como eu deixara. O Mestre de Linha não era mais Inácio Lopes, e sim um português de nome Manoel Martins Gandra. No lugar da velha barraca de Porto Franco que servia de Estação, construíram um grande galpão e tabique servindo de armazém para receber mercadorias. Em Mossoró, a Estação não era mais na barraca, anteriormente improvisada; já era novo prédio que eu deixara em alicerce – ainda projetado pelo Dr. Novais com um segundo andar onde funcionava o escritório. No dia seguinte – após minha chegada – avistei-me com nosso velho amigo Rosado e outras pessoas conhecidas. Depois de alojar os operários com suas famílias, que vieram comigo, entrei em atividade. Percorri todo o trecho em companhia do Diretor, anotando todas as obras



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

darte por construir – bueiros e pontilhões – com suas seções de vazão conforme os leitos dos córregos; os aterros a concluir e os cortes a rampar, e depois passei a residir junto com o fornecedor Ernesto Galvão, no quilômetro 53, na casa de turma ali construída. Estava começada a luta, eu recuperava as mesmas energias que ali havia despendido de 1912 até 1916. O meu trabalho era árduo e forçado; tinha que levá-la, custasse o que custasse.

Fiz primeiro o reparo da linha assentada até o quilômetro 53 onde terminava – repregando e aconchegando dormentes, aconchegando parafusos e bitolando a linha, e ao mesmo tempo fechando os aterros que eram desligados nos pontos mais altos, no local dos bueiros, com grande movimento de terras, transportadas das ribanceiras dos cortes – quando era possível – ou arranjadas por empréstimo.

Encontrei ali, como fiscais por parte do governo federal, os Engenheiros Gastão e Paulo Câmara; mais tarde, o primeiro foi transferido, ficando o segundo com um auxiliar técnico que viera ultimamente de nome Adelino Borja.

Encontrei como meu auxiliar Apontador, um Senhor que não se coadunou com a minha administração e retirou-se logo depois. Veio outro de nome Valentino Nogueira muito estulto e sem compreensão que em nada me auxiliava. Depois esse foi transferido para outro cargo, e ficou em seu lugar Aderbal Aragão que vinha comigo do Ipu, bom homem, cumpridor de seus deveres, mas, como seu substituído, bronco e inepto. Não compreendia nada do serviço; limitava-se em dar o ponto duas vezes por dia. Finalmente, este voltou ao Ceará e ficou ocupando o cargo um



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

rapaz de São Sebastião de nome Aristides de Freitas, que foi ao contrário, dos outros, um bom auxiliar. Trabalhador, de boa vontade, de boa compreensão; trabalhou comigo em três etapas, de 1925 até 1941.

Terminando o serviço do reparo da linha, comecei o novo assentamento com o pessoal que eu trouxera do Ceará, e outros práticos que ali já trabalhavam. Para facilitar o serviço que se ia iniciar, a Administração mandara construir uma ponte provisória, sobre estacas de maçaranduba na passagem do rio, com um desvio do leito ligando a linha, onde passaria o trem de lastro, até a construção da ponte de alvenaria. Avancei o serviço com a maior atividade até o quilômetro 61, quando fui interceptado pelo inverno que copioso como foi, não permitia a passagem da locomotiva, em transporte de materiais, em alguns cortes e aterros amolecidos e alagados pelo aguaceiro. Do quilômetro 46 em diante, ficou intransitável.

Em fim de agosto, pouco mais de um mês de minha estada, chegava minha família que eu deixara no Ipu. Fui a Areia Branca recebê-la a bordo do Vapor, que chegou no dia marcado. Saltamos em terra e em Porto Franco, tomamos o trem para Mossoró e no dia seguinte fomos para minha residência à frente de meu trabalho. Continuei residindo na mesma casa do quilômetro 53, onde estava Ernesto Galvão, que então retirou-se para uma barraca nas imediações.

A minha moradia ali era tristonha e horrível. Fiquei com a família, isolado do mundo civilizado, somente em contato com os operários e com meus problemas de trabalho, abordado como



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

acima expus, com diversas providências que tinha de tomar quando o momento exigisse. Ali naquele ermo, a Diretoria mandou instalar um telefone para qualquer comunicação em caso de necessidade. Dias depois recebi a visita de Jerônimo Rosado; que continuava sendo o maior amigo da Estrada e particularmente meu. Ofereceu-me uma vaca de leite e determinou de quem eu devia procurá-la; prestou-se com outros obséquios a minha família em caso de moléstia com os medicamentos de sua farmácia e com algumas prescrições.

Com todo o rigor do inverno – como acima falei – eu recebi ordem para prosseguir com o assentamento que ficara interrompido no quilômetro 46, onde podia chegar o trem de material. Daí em diante, eu devia transportar a trolly, trilhos e dormentes com seus acessórios e ir estendendo a linha até o declínio do inverno quando pudesse consolidar a linha dando passagem ao trem de lastro. Transportar material a trolly, numa distância de quinze quilômetros, era serviço muito penoso, que ponderei e relutei em não fazê-lo mas como a Diretoria insistisse, nele empreguei todos os operários que executavam forçados pela necessidade que tinham, por um dever de disciplina. Subindo rampas, extensas, chegaram na ponta da linha suados e esbaforidos como cavalos de corrida, mas com toda esta dura faina, em menos de dois meses, cheguei a assentar dois quilômetros de linha, isto é, do quilômetro 61 a 63, onde depois se deixou um desvio e se construiu um grupo de casas de operários, o ponto de maior altitude de todo o trecho, e o mais afastado do rio.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Dali em diante, o serviço se normalizou, mas a minha luta se redobrou. Tinha que reparar e conservar a linha danificada pelo inverno, tinha que levar o assentamento, entalhando e furando dormentes, pregando e calçando a linha; tinha que construir as obras darte, dali em diante, extraindo e transportando pedras de longa distância a trem, dentro de um vão entre pilhas de dormentes, com um vigamento de trilho ou travessas de maçaranduba, que permitisse o trânsito do trem a qualquer hora, em transporte de materiais. Todos serviços exigiam as minhas insinuações, os meus cuidados e a minha fiscalização. Entreguei assim uma parte a meu auxiliar, e voltei-me para a mais importante – o serviço de obras darte. A primeira obra maior que construí foi um bueiro duplo no quilômetro 64, e, a fim de ficar mais à frente dessas obras, mudei minha residência e minha família para o quilômetro 65, onde devia construir um pontilhão de cinco metros de vão. Ali construí uma barraca coberta de zinco onde passei a residir, tendo como vizinho o Auxiliar de fiscal Adelino Borja e o fornecedor Ernesto Galvão.

Nesta época, já era chefe da fiscalização, por parte do governo, o Engenheiro Teógenes Rocha, com quem eu já trabalhara no Ceará. Pertencia ao quadro da Inspetoria Federal das Estradas, fora Diretor interino da “Baturité” e era especialista em serviços de Estrada de Ferro. A grande tangente traçada na grande chapa da entre São Sebastião e Caraúbas do quilômetro 83 à 96, ele com um ligeiro estudo topográfico, prolongou por mais dois quilômetros nas melhores condições de projeto. Neste cargo, ele



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

permaneceu até o ano seguinte em 1928, quando foi transferido para outra comissão.

Adiante de mim, reparando o leito danificado pelas chuvas, seguia o auxiliar Temistocles Clementino dos Santos que era um servidor ativo e esforçado mas não tinha capacidade para todos os trabalhos. Chegando em São Sebastião, ele continuou em direção a Caraúbas, deixando pronto todo o serviço de terraplanagem até o quilômetro 101.

Depois de concluído o pontilhão a que mencionei, construí ainda dois grandes bueiros duplos; um logo depois do pontilhão e outro no quilômetro 78 onde encontrei uma boa pedreira. Dali em diante construí pequenas obras até que cheguei nas maiores, já construídas pela Comissão Werneck. Foi então que voltei minhas vistas para o assentamento que continuava moroso e desorganizado. Todo descontrolado. A cravação e o calçamento muito distante da ponta dos trilhos. Não era bem bitolada; as junções eram irregulares, umas eram fechadas e outras tinham grandes folgas. Procurei assim regularizar tudo com operários selecionados até que deixei tudo em ordem e dentro de seus eixos.

Como o serviço já estivesse muito distante de minha residência, quando cheguei no quilômetro 85, mudei-me para São Sebastião, onde já encontrei os meus vizinhos do 65, Adelino Borja e Ernesto Galvão acima citados. Ali eu respirei melhor, outros horizontes eu descortinava. Era uma pequena Vila com perto de cem casas de família com seu pequeno comércio e muitos elementos. O seu futuro era muito promissor. Nas imediações daquela localidade, começavam a explorar grandes jazidas de gesso



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

que seria mais tarde exportado e industrializado como uma fonte inesgotável de riqueza. O maior proprietário dessas jazidas era o Farmacêutico Jerônimo Rosado.

Tendo concluído a construção de obras darte, empreguei toda minha atividade nos serviços do assentamento. Aumentei o pessoal com novos operários que procuravam emprego: distribuí todos os serviços concatenados uns com os outros, de maneira que no dia 6 de outubro eu chegava com a ponta dos trilhos no ponto do destino. Naquele dia houve uma manifestação de regozijo entre a administração eu e os próprios operários. Na entrada do trem de lastro vinha atrelado um carro de passagem com o Engenheiro Fiscal, o Diretor Gerente e outras pessoas da Administração; todos os operários os passageiros; a locomotiva com um apito prolongado e sonoro, solenizava aquele acontecimento, até parar em frente a Estação. Em seguida nos reunimos em nossa casa de residência, onde era servida uma mesa de bolos a todos os presentes; houve discursos, palmas, vivas, etc.

Terminando o assentamento, voltei-me para a conclusão do prédio da Estação que a Comissão Werneck deixara em paredes; fiz todo o madeiramento de teto, o telhado, as portas, o piso, e a plataforma. Assentei as linhas de desvio, o triângulo de reversão e outros serviços complementares e marcou-se a data da inauguração para o dia 1º de Novembro.

Antes de terminar o assentamento, chegava em Mossoró o Coronel Vicente Sabóia que vinha assistir à inauguração do primeiro trecho do prolongamento que tanto esforço lhe custara. Percorreu toda a linha até o ponto terminal, encontrando-me,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

naquele dia, tão atarefado e afobado, que mal pude cumprimentá-lo. Segui com o Saboinha para minha casa, onde tomaram café, e eu nem sequer pude acompanhá-los, tal era o meu empenho e o peso do meu dever e de minha responsabilidade.

Com dois dias de antecedência da data aprazada, todo o serviço estava concluído, quando pude me alimentar e dormir sossegado e tranqüilo. Havia vencido uma grande batalha. Devia me refazer e recuperar as minhas forças para enfrentar outra luta dali para Caraúbas. Era a minha senda a seguir; dela não podia me desviar! Para a grande festa da inauguração, os preparativos eram mais aparatosos. Fora convidado e aceitara o convite o Governador do Estado, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros. Foram também convidadas diversas pessoas do Ceará.

Na manhã do grande dia – que era justamente o da festa de todos os Santos – seria celebrada missa campal na plataforma da Estação, e muitas caixas de bebidas foram enviadas para serem distribuídas com os presentes, com os operários e o povo em geral.

De fato o estrondo da festa foi ainda maior do que se esperava. Além do Governador José Augusto vieram diversas pessoas do Ceará – Francisco Monte, o Desembargador Leite de Albuquerque depois Deputado Federal e Presidente do Tribunal respectivamente, e muitas outras pessoas que não me recordo dos nomes. O Padre Mota, Vigário da Paróquia, celebrou missa anunciada, e grande massa popular enchia a praça numa área de cem metros, todos vibrando de entusiasmo e alegria. A aglomeração dentro do recinto da estação era densa e fervilhante. Na



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

distribuição de bebidas, o povo invadiu o gradil, que nem a polícia com dois oficiais à frente pode contê-lo.

Depois da missa campal, seguiu-se o ato inaugural. Falou primeiro o Coronel Vicente Sabóia, entregando ao Governo aquela obra de seu esforço, de sua iniciativa, e de sua tenacidade. Depois falou o Governador José Augusto, congratulando-se com as classes sociais de Mossoró e com os habitantes desta região pelo grande melhoramento almejado.

Estava assim entregue ao tráfego e ao público, o primeiro trecho da propriedade do Governo Federal. Era a segunda etapa de uma jornada em que – como muitos – carreguei o meu pesado fardo.

Antes de encenar este capítulo, quero deixar um adendo para reproduzir alguns fatos ocorridos, dignos de menção, durante a minha permanência nos serviços desse trecho.

Na casa de turma do quilômetro 53, onde primeiro residi, a minha esposa deu a luz a uma criança no dia 4 de Dezembro de 1925. Felizmente foi um parto normal, bem sucedido, sem complicação e sem perigo. Durante o resguardo surgiu um caso que nunca em minha vida imaginei que pudesse correr. Num terraço aberto da casa nós tínhamos algumas galinhas para nosso alimento, e numa certa noite despertei pelo barulho daquelas aves. Corri ao terraço às pressas onde deparei-me com uma matilha de raposas abatendo as galinhas. Ataquei-as a pauladas, mas ao invés das raposas matei duas galinhas. É que naquele ano, uma peste daqueles caninos se desenvolvera; contraíram hidrofobia e agrediam as pessoas. Alguns operários foram mordidos, mas nenhum



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

faleceu. O veneno que elas inoculavam não era tão letal como o do cão.

No quilômetro 68, onde a comissão construía um pontilhão, montei as vigas de cimento armado, e no dia do término desse serviço recebi a visita de um grupo de homens de Mossoró - da administração e da sociedade local - entre os quais Jerônimo Rosado, Rodolfo Fernandes, o jornalista Augusto da Escóssia, Dr. Eliseu Holanda, que era o médico da Estrada e alguns outros, bateram-se algumas fotografias das vigas montadas e dos visitantes sobre elas de que ainda conservo uma dessas vigas em meu poder.

Um ano depois do nascimento da criança de que falei, já residindo em S. Sebastião, nasceu outra do mesmo sexo que morreu quinze dias depois de nascida. Foi batizada por um vizinho nos estertores da morte por falta de um Padre. Tudo isso eram dissabores que muito me contrariavam, mas nunca perdi o ânimo.

3 – O prolongamento de São Sebastião a Caraúbas

Inaugurado São Sebastião, foi marcado o horário dos Trens: Partida de Mossoró às 9:30 horas, chegada em São Sebastião às 11 horas, ali pernoitando e partindo no dia seguinte às 4:30 horas, demorando no curso da viagem uma hora e trinta minutos.

Em São Sebastião eu ainda permanecia - onde passei todo o inverno de 1927 - aguardando oportunidades para prosseguir com o assentamento dali a Caraúbas. Temístocles Clementino,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

no serviço de terraplanagem, num chapadão plano, com pequeno movimento de terras, já estava dentro do quilômetro 110, onde outro auxiliar – Lafaiete Tapioca - Professor Instrutor do Colégio de Fortaleza que ali estava de licença – começava o mesmo serviço que o levava até Caraúbas. Durante este tempo, recebia pelo trem de lastro, uma grande quantidade de trilhos, grampos, telas e parafusos, para uma extensão de vinte e dois quilômetros de linha. Deixei tudo empilhado em ordem para facilitar o transporte quando precisasse carregá-los dali em diante. Instalei uma caixa d'água para abastecimento de locomotiva, na celebre gruta de São Sebastião, na qual se penetrava por uma caverna de uma profundidade em igualdade ao nível do rio, com um canal subterrâneo por onde emanava a água numa distância de seiscentos a setecentos metros.

Depois desses preparativos, no mês de maio, comecei o assentamento que a princípio, não foi bem organizado, por falta de certos elementos e depois, por um fato de suma gravidade, tive que interrompê-lo.

Nos princípios de junho circulou a notícia de que o facínora Lampião com seu bando sinistro entrava na fronteira Oeste do Rio Grande do Norte rumo à Mossoró. A princípio supunha-se um boato, mas depois a notícia era confirmada de fonte fidedigna. De fato, na noite de 12 para 13 de Junho, aquela horda de celerados invadia a pequena Vila. Na tarde do mesmo dia, quando tive a certeza da vinda dos bandidos, mandei que o trem horário, que ali pernoitava, voltasse a Mossoró – para que não fosse apanhado pelos celerados – e fugi com minha família. Fui ocul-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tar-me na casa de um camponês, em lugar ignorado onde ninguém descobrisse a minha pista. Todas as outras famílias, como a minha, também se retiraram, da maneira que, quando os bandidos entraram, só encontraram populares avulsos. Entraram logo na pilhagem e depredação. A primeira desordem foi incendiar dois veículos da Estrada que estavam na garagem, depois o aparelho telegráfico da Estação; em seguida assaltaram as casas comerciais, quebrando garrafas de bebidas, louças e vidros; jogaram fora peças de tecidos de que o povo se apoderou. Entraram em minha casa, abriram gavetas, escancararam malas, mas nada danificaram. Naquela mesma noite prosseguiram para Mossoró.

No dia seguinte, que era o dia da festa de Santo Antônio, voltava com a família à minha casa de residência, ao meu posto de trabalho. Encontrei o pequeno povoado num aspecto tétrico e desolador. Todas as famílias ainda foragidas, a minha era a única que voltava! A pequena praça, que dava para minha casa, estava ocupada por uma tropa da polícia da Paraíba que vinha perseguindo os bandidos. Logo que abri a casa os soldados a invadiram e me assediaram, pedindo água, pedindo café e outras coisas de necessidade.

O povo desordeiro – entre os quais muitos operários da Estrada – acobertados pelos bandidos, fez a pilhagem. Não teve uma casa de venda, desde a taberna às lojas de tecidos, que não fosse danificada. Os larápios, alguns foram presos e castigados e outros fugiram conduzindo os despojos. Muitos operários da Estrada estavam nesta súcia.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Procurei logo reatar o serviço, mas estava tudo a toa e difícil de se reorganizar. O fornecedor com sua família saíra para Mossoró e ainda não aparecera. O trem de lastro não voltara mais para o transporte de materiais e as turmas de serviços estavam desfalcadas dos melhores operários. Os boatos mais estapafúrdios, circulavam de boca em boca alarmando o povo e as famílias, que voltavam a seus lares. Lampião ainda voltaria! O desastre dele em Mossoró exigia uma desforra, com um castigo em toda zona, que concorreu para aquele fracasso. Com aquela invenção urdida pelos exploradores da mentira, os boatos tomavam visos de verdade e as famílias assaltadas de pânico passaram a dormir no mato todas as noites, durante muitos dias. O Diretor Gerente ordenou-me que mandasse postar guarda e vigia durante as noites até passar aquela quadra de terror e apreensão. Eu cumpri essa ordem, mas não acreditava na veracidade daqueles boatos, e quando compreendi que os malandros deles tiravam partido, aborreci-me e entesei, mandando suspender os guardas noturnos e obrigando os madraços a entrar em serviço.

Minha esposa, apavorada no meio daquele ambiente tumultuosos, ficou tomada de um estado nervoso excitante, de tal forma, que não mais podia dormir. Vivia tão sobressaltada que o menor rumor se lhe afigurava um assalto dos bandidos. Assim não mais podia continuar ali. Diante da gravidade do caso, chamei o pai dela, por telegrama, e em companhia deste, mandei-a para o Ceará. Só, sem as preocupações de família, e tapando os ouvidos às patranhas dos boateiros, voltei-me com toda energia para o serviço. Devia ganhar em horas o que perdera em meses. Arregimen-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tei o pessoal e contratei com cada uma o serviço por unidade de obra, desde o assentamento ao nivelamento de linha. A medida deu resultado. Levei, desde então, todo serviço concatenado e com rapidez, de maneira que no fim do mês quando fiz a medição deu uma medida de trezentos e oitenta metros diários. E ao mesmo ritmo levei até o fim, com tanta ordem que tendo começado em meados de Agosto no quilômetro 80, em fins de Outubro eu chegava ao quilômetro 101, numa extensão de vinte e um quilômetros, tendo esgotado todo o estoque de trilhos existentes na estação como acima narrei.

Depois de concluir a cravação e o calçamento da linha, e de outros deveres do cargo, no dia 12 de Novembro, eu partia para o Ceará. Separado da família desde Agosto, estava ansioso para voltar à minha terra. Além de tudo, devia recuperar-me devia afastar-me daquelas duras lides por alguns.

No começo do ano de 1928, a Estrada recebera uma partida de trilhos para levar o assentamento até Caraúbas e o Diretor Gerente convidou outro para meu lugar – o velho companheiro do prolongamento da “Sobral”, Luís Gois, e este ajudado pelo auxiliar Aristides de Freitas continuou com os trabalhos interrompidos por alguns meses.

Em novembro, justamente com um ano de ausência, era convidado para construir uma Estrada carroçável de Caraúbas – onde devia ficar a ponta da linha – até Pau dos Ferros, por conta do governo do Estado. Trabalhei nesse serviço durante oito meses, isto é, até fins de Junho de 1929, quando regressei novamente ao Ceará.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As freqüentes mudanças de clima e de meio, para mim eram salutares, pois eu não poderia resistir a uma luta contínua. Precisava fazer tréguas para me refazer. Afastado do serviço do prolongamento desde o quilômetro 101 até Caraúbas, não se descrever a marcha da construção desse último trecho. Sei apenas que a inauguração de Caraúbas, teve lugar ao dia 30 de setembro de 1929, que a mim não foi dado o prazer de assisti-la. Ali foi ponta de linha, em ligação com todo o sertão, até 1936 quando foi inaugurada Patu.

4 – O prolongamento de Caraúbas a Mombaça

Quando se cogitou do prolongamento da Estrada de Caraúbas em diante, havia em Mossoró, entre os interessados e as pessoas de maior influência, diversos projetos de roteiro. Uns queriam, Caraúbas – Pau dos Ferros – “Rio do Peixe” (Antenor Navarro), no Estado da Paraíba, onde se fazia a ligação com a “Ceará Paraíba”. Jerônimo Rosado, que sempre foi uma opinião autorizada, sugeria o itinerário – Caraúbas – Patu – Catolé – Jericó – Pombal. A companhia contratante da construção – não sei a que critério – planejou um traçado médio entre os dois projetos: Patu – Boa Esperança (Demétrio Lemos) Alexandria – Souza. O projeto Rosado era o que menos servia ao Rio Grande do Norte, era o de mais longa distância, mas era em compensação, o mais econômico em sua execução pela regularidade do terreno. Não tinha grandes acidentes, era afastado das cordilheiras, e não atravessava rios de grandes leitos



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

que exigissem obras de grandes vãos. O projeto da Companhia era o que mais encurtava a distância, mas era o mais prejudicial pelo seu aspecto topográfico na altitude brusca dos contrafortes da Serra do Martins, sua passagem forçada.

Depois do sítio de Mombaça até o divisor de Boa Esperança, numa distância de cerca de sete quilômetros a diferença de nível era de 8.500m, de maneira que para atingir aquela altitude, foi necessário desenvolver muito a linha com grandes curvas de menos de duzentos metros de raio, e com rampa de 0,015 em toda sua extensão; com pequenos patamares, com aterros e cortes em pura rocha de oito a treze metros de altura, e com grandes muros de arrimo.

A despesa da construção daquele trecho foi maior do que a de quarenta quilômetros de São Sebastião a Caraúbas. O serviço do tráfego era, então, o mais precário. A locomotiva galgava aquela “Montanha Russa”, patinando, estancando, bufando e resfolegando, como um burro carregando uma carga superior às suas forças.

Para maior dispêndio, tinha a ponte sobre o rio Cacimba da Vaca, com trinta e seis metros de vão, construída sobre estacas de cimento armado, concretizadas por máquina de alta compreensão que deixavam o solo na consistência do granito. Sobre essas estacas assentei um “radier” e por cima fiz a elevação dos pegões.

Afora a ponte do rio Apodi, foi essa a obra darte mais cara de toda a Estrada. Como se vê, foi um grande erro, o delineamento daquele traçado.

Em 1929 – como em 1915, de Mossoró a São Sebastião – a Companhia mandava proceder os estudos de Caraúbas a Boa



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Esperança. Para este serviço, veio do Ceará o Engenheiro Plínio Pompeu – depois Senador da República – que o executou com proficiência. Começou de Boa Esperança em sentido inverso. Passou pelos contrafortes anfractuados, contornando montes por despenhadeiros e escarpas – como já expus – até chegar a Mombuca, e dali continuou até Caraúbas, numa extensão de setenta e sete quilômetros. Aguardava-se a oportunidade que o governo mandasse executar aquela construção.

Três anos depois, em 1932, naquela horrível seca que assolou todo o Nordeste, o governo federal criou grandes verbas para custear serviços de emergência, de salvação das populações flageladas.

Para o prolongamento da Estrada de Ferro de Mossoró foi reservada a importância de sete mil contos.

O Comandante Herculino Cascardo que era o Interventor no Rio Grande do Norte, empenhou-se com todo interesse, para que essa construção fosse acatada sem perda de tempo, e sem as formalidades e os protocolos oficiais, a Companhia Estrada de Ferro de Mossoró, que fora construtora de toda a Estrada, foi autorizada a atacar o serviço na obrigação de empregar três mil operários.

A Companhia desdobrou-se em atividade. Mandou logo os Engenheiros Francisco e Luís Sabóia para proceder a locação e administrar os serviços sob a direção superior do Diretor Gerente e, nos primeiros dias de Abril, iniciaram-se os trabalhos. Fizeram a divisão de todo o trecho, em sete Residências; seis de dez quilômetros e a última de sete, que era justamente a de maior movimento de terra.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em começo de Maio recebi convite para trabalhar na construção e no dia 10 do mesmo mês, chegava em Mossoró. Não encontrei mais o abnegado servidor da Estrada Jerônimo Rosado de quem me despedira há três anos passados. A morte o tinha levado.

Encontrei já atacada a 4ª Residência, com sede em Patu, que passou a ser dirigida por mim. A primeira Residência era dirigida por Francisco Cavalcante, a 2ª era pelo antigo empregado Aristides de Freitas, a 3ª por Luís Gois que fora chamado do Ceará - e que depois foi afastado por motivo de moléstia, ficando em seu lugar Francisco Trajano, a 4ª por Herisberto Napoleão, que depois de minha chegada passou a meu cargo, e ele Herisberto ficou com a 5ª. Era Engenheiro Fiscal Álvaro Silva, que foi substituído pelo Engenheiro João Campos e este depois pelo Engenheiro Pedro Ciarlini. Eram médicos da Estrada, os Drs. Antônio Soares e Lavoisier Maia, que se revezavam semanalmente.

Quando terminou o serviço de locação o auxiliar Abelardo Ururahy ficou em meu lugar na 4ª Residência e eu segui para 7ª no fim do trecho. Ali instalei-me como um fugitivo, nas bibocas daquelas augusturas, onde depois degredei minha família, de Agosto de 32 a Maio de 33. Depois quando foram suspensos os serviços de terraplanagem, voltava novamente ao Patu levar o de obras darte.

Quando cheguei a Patu em Maio de 32, a Companhia, movida por um dever humano de atender aos flagelados, colocava a todos que se apresentavam para o trabalho, até completar o número de três mil – como se comprometera, mas esse compromisso redundava em prejuízos consideráveis por falta de material



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

correspondente ao número de operários. Não existindo bastante carrinho de mão que facilitasse o transporte para os aterros, as terras eram acumuladas dentro dos cortes. Em outras turmas, faltava pá ou picareta, de maneira que uns operários ficavam parados revezando o serviço uns com os outros. Diante daquela irregularidade, verificando o prejuízo que ela acarretava, procedi uma medição no fim do mês, em toda minha residência, de que ficou constatado o prejuízo que eu previra. Fiz ver ao Diretor Gerente o resultado, e desde então ficou estabelecido o regime de tarefa.

Como acima expus, em Agosto mudei-me para a 7ª Residência. Ali, pela natureza do terreno, todo o serviço era bem diferente. Os cortes de grande altura acima do grade, todos em piçarras e rochas só podiam ser desmontados por cavouços, minados por materiais explosivos. Não tendo cavouqueiros, nem operários práticos, fiquei sem elementos para continuar. A Diretoria suspendera a administração de novos operários, pois já completara os três mil, como se comprometera. O pessoal que devia trabalhar comigo, seria transferido das outras residências a proporção que se fosse desocupando. As turmas que me mandavam eram, quase sempre, de operários inábeis, incapazes para aquele trabalho, e nessa dependência e com essa morosidade, só de Novembro em diante, organizei o serviço.

Nesta época, a Administração instalou um escritório em Carúbas, para onde o Diretor Gerente mudou-se com a família. Era chefe do Escritório José Augusto de Almeida, com os auxiliares



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Joaquim Borges, Francisco Nogueira, Climaco Montenegro e Corsino de Oliveira.

Ataquei logo a maior obra de alvenaria de toda a Estrada – o muro de arrimo da Caiana, na maior escarpa da garganta na ponta do espigão. Ataquei igualmente o maior corte de toda a Estrada com 13,60m de altura, e assim em Janeiro de 33, eu tinha atacado cinco quilômetros da 7ª Residência, justamente no trecho mais pesado com os maiores desmontes a dinamites, como acima descrevi. Nesta época era atacado o serviço de assentamento de Caraúbas em diante, e antes de esgotar-se a verba dos sete mil contos, que o governo despachara em 32 a administração da Estrada era forçada a suspender os serviços da 7ª Residência e eu voltava ao Patu, como já expus, para construir as obras darte e outros serviços complementares. Ataquei logo a Estação com a casa de agente e o leito do triângulo; ao mesmo tempo o pontilhão do riacho paulista e todos os bueiros dos córregos. Em Setembro de 33, eu deixava todo esse serviço concluído.

Neste mesmo tempo percorria o Nordeste, visitando todas as obras, o Presidente Getúlio Vargas, com os Ministros José Américo, Juarez Távora e o Interventor Mário Câmara. Em Patu assisti a passagem dessa luzida comitiva.

Nos meses de Outubro e Novembro, fiz os reparos e melhoramentos, de uma estrada carroçável ao longo da linha, de Mombaça a Demétrio Lemos; em Dezembro passei de férias, e em Janeiro de 35, tendo-se esgotado a verba para a construção, resolvi voltar ao Ceará. Transportei logo minha família até Fortaleza, e dali voltei para construir uma caixa d'água e um poço para



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FUNGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

abastecimento das locomotivas, em cujo serviço ainda demorei até fim de Março quando – como das outras vezes – voltava a minha terra aguardando novas verbas para continuação dos serviços. Assim passei onze meses de descanso: de Abril de 35 a Março de 36, quando recebi convite para entrar em atividade, prosseguindo na marcha de minha senda acidentada. Durante a minha ausência, ocorreu a greve dos operários, incitada e instruída por Francisco Chaves, Mestre das Oficinas, na direção interina do Engenheiro Guilherme Browne que substituiu o Diretor Gerente. A greve foi julgada ilegal, os grevistas foram demitidos.

Com as verbas de 36, a Companhia adquirira grande quantidade de dormentes de diversas procedências, e trilhos da Bélgica, para levar a linha até Almino Afonso. Não tendo trazido a família fiquei residindo no quilômetro 140, no Jordão – onde se construiu uma Estação de parada – que era justamente o ponto mais conveniente para dirigir os trabalhos. Comecei fazendo o nivelamento, o reforço dos aterros, e outros serviços complementares da linha, desde Caraúbas até o quilômetro 143, onde ficara parado o assentamento, em 34, por falta da verba – como acima mencionei. Neste local, assentei uma pequena caixa d'água para o trem de lastro, e no dia 3 de Agosto – depois de tudo preparado – continuei com o assentamento para o Patu numa extensão de nove quilômetros, onde cheguei no dia 8 de Setembro com um mês e três dias. Em seguida fiz – como nas outras Estações – linhas de desvios, triângulo de reversão, com antecedência para a inauguração, que foi marcada para o dia 30 de Setembro. Para que o pessoal adestrado não debandasse, continuei em seguida,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para Almino Afonso. No dia aprazado, que coincidia com a data magna de Mossoró, a comitiva oficial chegava com o trem inaugural: o Diretor Presidente, Dr. José Luís Batista, o Sub-Inspetor Federal das Estradas Dr. Artur Pereira de Castilho, que vieram do Rio, o Diretor Gerente Sabóia Filho, o Engenheiro da construção Luís Sabóia de Albuquerque, e muitas pessoas gradas de Mossoró e Caraúbas. Os dois primeiros, com discursos de frases eloqüentes, entregavam ao tráfego público, mais um trecho daquela ferrovia – do quilômetro 121 a 158.

Era mais uma caminhada que eu palmilhava pela estrada escabrosa, cheia de abrolhos e sargaços da trajetória de minha vida.

Quando se inaugura Patu, já estava iniciado o assentamento para Almino Afonso, que devia continuar. Adiante de mim ia o Engenheiro Luís Sabóia, fazendo alguns reparos no leito e construindo alguns bueiros, para que não houvesse interrupção em minha marcha. Neste trecho, com a extensão de 17 quilômetros, os serviços foram mais vagarosos. As turmas de operários práticos se desorganizaram, e por isso não mais me foi possível levar o serviço concatenado.

Em Dezembro, mudei-me de Patu para o sítio Caraúba Torta, onde fui apanhado pelo inverno de 37, que ali foi muito copioso. Em fim de Fevereiro, interrompia o assentamento no quilômetro 137, num pontilhão em construção, já nas proximidades de Almino Afonso. Nesse tempo fui acometido de um reumatismo muito intenso, que me inibiu de minhas atividades. Fui me agüentando, tomando remédios na esperança de me restabelecer, a fim de chegar ao fim do trecho, mas como o mal continuava se



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

agravando compreendi a necessidade de mudar de clima, e no começo de Abril voltei ao Ceará. Eram peripécias de meu destino, do qual não me podia desviar!

Com o meu afastamento, o Dr. Luís Sabóia com o auxiliar Aristides de Freitas, concluiu o serviço, e no dia 30 de Setembro de 1937, era solenemente inaugurada a estação da antiga Caieira, que não perdia de lembrança.

Desta vez, a minha vilegiatura no Ceará foi de um ano e sete meses – de Abril de 37 a Novembro de 38, quando fui chamado a última vez, e não mais voltei a minha terra.

No dia 7 de Janeiro de 39 chegava a minha família e em Almino Afonso – onde permanecia – fixei a minha residência, e continuei em minha faina de sempre. Construí logo um pontilhão no riacho que ali passava, depois removi a linha que ali encontrei em desvio, e prossegui com o assentamento. Construí mais dois grandes bueiros; abri empréstimos em cortes para ser transportado em trem de lastro, fiz ligação e alargamento de aterros e levei a linha até o rio Cacimba da Vaca. Ali fiz um desvio, em toda a extensão do aterro, e quando entrou o verão ataquei o serviço da ponte sobre aquele rio, coma acima já descrevi. Concluídos os dois encontros, e os dois pilares, montei as grandes vigas de cimento armado; demoli a linha do desvio fiz a ligação sobre a ponte, e levei o assentamento até o quilômetro 182.

Não me lembro por qual motivo, o serviço ficou parado durante o inverno de 1940. Nessa época, o governo federal mandava uma Comissão proceder uma avaliação do trecho da Companhia de Porto Franco a Mossoró com todos os edifícios e materi-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ais rodantes e de construção, para fins de encampação, mas a Companhia não entabulou o negócio.

Em Julho continuei com o serviço do assentamento e obras darte, que foram suspensos no começo do ano. Construí bueiros e pontilhões capeados, e por fim uma ponte de trinta metros de vão sobre o rio Mineiro, com as vigas de cimento armado.

No começo do ano 41, mudei-me com a família, de Almino Afonso para Mombaça. Ataquei logo o serviço da Estação da casa de agente e o leito para o triângulo de reversão, e depois de tudo concluído, com toda a linha devidamente nivelada, foi marcado o dia da inauguração - 31 de Dezembro de 1941.

O ato se realizou com simplicidade. Vieram algumas pessoas de Mossoró, Patu e Caraúbas e o Engenheiro Ademar Benevolo – que era o fiscal por parte do governo e o representante fiscal – cortou a fita simbólica e era entregue ao tráfego público mais um trecho da transestadual.

Durante os últimos dois anos, passei por acerbos dias de vexames e contrariedades, por motivo de moléstia em minha família e retrocessos de serviço. Era mais um castigo que o destino infligia em minha vida acidentada.

5 – Prolongamento de Mombaça a Alexandria

Em 1932 – como acima narrei – deixava em ponto a construção da 7ª Residência do quilômetro 198 a 209, e no ano de 41, quando se inaugurou a última estação, até 42, que foi um ano



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

seco, reatei aquele serviço. Ataquei logo o serviço do grande muro de arrimo, de elevação a meio talude; construí outro menor logo adiante do primeiro; concluí a abertura do grande corte de 13,60 e de outro de 12,003, com suas rampas escarpadas. Construí uma ponte de 16,003 de vão no Riacho Mombaça; fiz dois pontilhões com suas respectivas vigas de cimento armado, um outro pontilhão capeado de grande vão e grande extensão, e muitos outros bueiros, duplos e simples, abertos e capeados. Concluí a construção da Estação e casa de Agente de Demétrio Lemos, com uma grande esplanada para o triângulo de reversão, e muitos outros serviços sob minha direção e de Aristides de Freitas.

Com um resto da verba doada aquela Estrada, pelo governo federal, para o assentamento, o Engenheiro fiscal mandou investir em dormentes, que seriam empregados oportunamente.

Ainda em 1932, a Companhia – como fizera uns outros trechos – mandava o Engenheiro Guilherme Browne proceder os estudos de Demétrio Lemos a Souza – o ponto terminal. O traçado explorado, depois foi modificado em alguns trechos, na locação para a construção, como adiante se vê. Eu ainda residia em Mombaça onde permaneci até 1943, quando em certo dia recebi a visita do Engenheiro Valdemar Luz, irmão do ilustre representante de Minas, Deputado Carlos Luz. Esse Engenheiro, que já trabalhara na construção daquela ferrovia integrando a Comissão Werneck, vinha percorrendo todas as ferrovias do Nordeste já como Inspetor Federal das Estradas. Almoçou em minha casa em companhia do Diretor Gerente, e dali seguiu para o Rio.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em 42, o Engenheiro Luís Sabóia encarregado da locação procurou uma saída para levar a linha dentro dos limites da máxima rampa de 0,010, o que não foi possível dentro do traçado Browne que atravessava um espigão de ramificação da serra do Martins e desviou-se um pouco da direção para a garganta da Carnaubinha, onde se oferecia passagem favorável, com o grade permitido, passando pelos sítios Xique-xique e Vaca Maria, de onde tornava a direção de Alexandria, afastado-se assim, cerca de seis quilômetros da linha de estudos Browne. Em continuação com a locação dali em diante, veio em seguida – enviado pela Inspeção Federal das Estradas – o Engenheiro Nortepool com um auxiliar, que a levou até Alexandria. A Companhia mandou atacar a construção de terraplanagem e obras darte. A 1ª Residência que começava de “Demétrio Lemos” ficou a cargo de Aristides de Freitas que ali já residia e para a 2ª, no sítio Glória, seguiu com minha família. Ali encontrei as maiores dificuldades para minha vida, e para o próprio serviço. Tudo ali era difícil. Comia carne raramente, quando me vinha de Demétrio Lemos ou de Alexandria; a Estrada não tinha serviço de correio e nem outro meio de comunicação, de maneira que a minha correspondência por carta, ou telegrama, recebia sempre retardada. Não tinha um caminhão à minha disposição para as necessidades do serviço; não mais recebi a visita dos médicos como em minhas outras residências, pelo que passei pelas maiores aflições em caso de moléstias. Não tinha fornecedor, eu próprio fornecia dinheiro ou vales aos operários para suas compras em vendas particulares distantes do serviço. O Diretor Gerente não mais apareceu ali, e



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

nenhuma outra pessoa de minhas relações de amizade. Assim isolado do mundo civilizado, sentia-me diminuído, acabrunhado, e desanimado, achando que tudo conspirava contra mim. Neste tive por Sente a moléstia de um filho, e a notícia brusca da morte de uma pessoa de minha família. Diante desses pesares, tomei-me de horror por aquele local, que por qualquer forma, precisava retirar-me dali.

Em Abril de 45, o Diretor Gerente, reconhecendo a minha situação chamou-se para Mossoró, onde permaneci quase inerte, a título de auxiliar do Engenheiro Pedro Ciarlini. Acompanhei esse chefe em uma medição até Alexandria. Ali funcionava como Residente um Senhor vindo do Ceará, de nome George Bezerra, que depois foi denunciado a Administração, como desonesto, cometendo maiores falcatruas no serviço. Fui enviado para apurar o fato, que depois de uma sindicância secreta, ficou provada a veracidade da denúncia e o indigitado foi afastado do cargo.

Avulso e inativo, sem um determinado serviço a meu cargo, em Outubro do mesmo ano, era convidado, ou antes me ofereci, e fui trabalhar com o Engenheiro Luís Sabóia no assentamento da ferrovia, ramal de Itapipoca, entre aquela cidade e Sobral, onde já trabalhara na construção, na seca de 1919. Obtive do Diretor Gerente uma licença por tempo indeterminado, e fui novamente penar e sofrer, trilhando o caminho de meu destino.

Ali quando cheguei, não tinha material para levar o serviço. Veio primeiro uma partida de dormentes, depois vieram os trilhos, com talas, e grampos mas faltando parafusos, e ansioso para iniciar o serviço, comecei com parafusos provisórios de pau, que



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

cheguei a me utilizar desse arranjo na extensão de dois quilômetros, quando mandaram os parafusos apropriados. Ali passei por sérios dissabores; tive que tolerar a deslealdade do empregado fiscal representante da Inspetoria, com a submissão de meu chefe, que apesar de me distinguir com as melhores considerações, não tinha autoridade para garantir a minha ação dentro das regras normais do serviço.

Contudo, ali continuei, até em Dezembro de 1946 – quando por força das circunstâncias – os serviços foram suspensos no lugar “Craúna”, onde se fez uma Estação de parada, que mudavam o nome para Anário Braga.

Em Abril do mesmo ano tive oportunidade de visitar minha terra, da qual há oito anos me achava ausente, e nela não mais podia residir. Todos os bens que possuía – prédios, terras e outras propriedades alienara, sem mais esperança de ali voltar. Era, assim, um proscrito pelo destino!

Quando ainda trabalhava em Itapipoca, vindo um dia a Fortaleza, tive a notícia de que a Estrada de Mossoró tinha nova administração.

Os proceres do Rio Grande do Norte, de prestígio perante o Presidente da República, conseguiram a intervenção federal, naquela via férrea, tanto no tráfego como na construção para onde foi nomeado como administrador o Major Agenor Susine Ribeiro. Tratava-se de um oficial do Exército que anteriormente residira em Mossoró, onde estava ligado por laços de afinidade, com uma das famílias de melhor relevo. O Diretor Gerente da Com-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

panhia afastou-se da administração, mas todos os funcionários continuaram em seus cargos.

Suspensa o serviço da Itapipoca, como já expus, em janeiro de 47, voltava a Mossoró, mas como a Estrada estivesse sob nova administração, não quis logo me apresentar, dando por finda a minha licença. Fiquei arredio, observando e refletindo o caminho que devia seguir. Afinal, no começo de Agosto, resolvi apresentar-me ao novo administrador, pedindo minha readmissão no cargo de que me havia licenciado.

Novamente engajado no meu velho posto, em minhas lides habituais, seguia a minha via-crucis com um pesado madeiro, mas conformado e resignado com a minha sentença. Coube-me a incumbência de confeccionar as vigas de cimento armado montadas sobre as pontes em todo o trecho, desde Demétrio Lemos a Alexandria. Esse tipo de obra devia ser em toda sua estruturação, desde a armação do esqueleto até a concretização, instruído por mim, visto o pessoal que ali trabalhava não ter prática de sua execução, e neste mister, passava o dia ao pé do serviço. Como na um serviço ambulante, que defendia do material ao pé da obra, com transportes ocasionais, não podia trazer minha família e fazia minhas refeições com as famílias dos operários, alimentando-me mal, e dormindo pior, muitas vezes no mato, exposto ao frio e ao lento.

As primeiras vigas que montei, foram numa ponte de trinta metros de vão no riacho “Poldros Mortos” e depois voltei a outra de vão igual no riacho dos Buracos, e continuei construindo outras menores, até Novembro quando me aproximei de Alexandria.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

No mês de Outubro, a Companhia no Rio, julgando-se prejudicada em seus direitos adquiridos, de construtora do prolongamento, desde 1925, moveu uma ação de reivindicação contra o governo federal que teve ganho de causa na primeira instância, e a Companhia voltava assim a direção da construção – que já estava a vinte quilômetros além de Alexandria – e de todo o serviço do tráfego.

Os políticos partidários da Companhia festejavam o acontecimento, se rejubilavam uns com outros pelo acontecimento. Porém, apesar de um dever de solidariedade com a Companhia que a consciência me ditava, conservei-me neutro, pela posição de meu cargo. De fato, o Major Susine, obteve continuasse a intervenção, tendo a Companhia se submetido. Ela tinha as bases de contrato legal, e nada valeram os direitos adquiridos.

No dia 12 de Dezembro, mudava minha família para Alexandria, onde terminei a construção das vigas e ao mesmo tempo dirigia uma obras da Companhia que começara no tempo de sua posse. Concluído este resto de serviço, voltei para terminar a construção de dois pontilhões, com as respectivas vigas, no quilômetro 220, que deixei concluído em fevereiro de 1948, quando fiquei inativo sem nenhum serviço a meu cargo.

Nunca me acomodei em ficar desocupado como empregado, aguardando ordem. Quando trabalhava na Companhia, logo que concluía ou paravam os serviços, seguia para o Ceará, onde aguardava novo convite. Na situação porém, em que me achava, o caso era diferente. Com numerosa família, com os pesados encargos que tinha a ombros e com o crescente custo de vida, não



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

podia prescindir do emprego. Neste caso reclamei do chefe que não me deixasse parado. Todos os outros tinham as suas funções e me sentia diminuído, afastado como um indesejável. Assim ainda passei dois longos meses, quando em Abril, recebi ordem para continuar com o assentamento que há meses ficara suspenso no quilômetro 205. Deixei a família em Alexandria e voltei a Carbaubinha, onde abolei-me numa casa de operário um pouco distante do serviço. Tinha trilhos apenas para um quilômetro de linha; não tinha dormentes e o pouco pessoal com que contava era desviado para a via permanente. Não havia estímulo aos operários. O salário de doze cruzeiros que eles recebiam não correspondia a carestia da vida. Esses precalços os desanimavam de forma que nada produziam no serviço.

Depois de certos reparos na linha, desobstrução de valas e esgotos, comecei o serviço de assentamento dos trilhos que ali existiam, enquanto chegava a outra partida que estava sendo descarregada no porto. A fim de incitar o interesse pelo serviço, resolvi fazê-la por tarefa, contratando com as turmas por um determinado preço, que depois de concluído saiu o dia a dezoito cruzeiros que paguei em número de ponto.

Quando o Major Susine foi, pela primeira vez, percorrer os serviços, que tinha interesse em sua presteza, apresentei e propus a conveniência de executá-lo por tarefa – como sempre fizera – e tendo aceitação de minha proposta meti ombros na nova luta. Transporteí logo minha família de Demétrio Lemos – onde já se achava – para uma casa de turma do quilômetro 201, mas em contacto com o serviço concatenado, dando um resultado satisfa-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tório. No primeiro mês cheguei a assentar oito quilômetros de linha. Quando cheguei no quilômetro 214, no lugar Baixa Verde, onde se fez uma parada com um posto telegráfico, levei para ali minha família que já estava muito distante do grosso do serviço. Desde então começavam a surgir dificuldades com sérios transtornos para os serviços. A água para a alimentação da locomotiva – que era em Demétrio Lemos, na distância de dezessete quilômetros – não satisfazia as necessidades do serviço; só no percurso dessa distância, era consumida quase a metade da água, do tender, e assim, o trem de lastro que chegava as sete horas, precisava regressar ao meio dia. Em “Poldros Mortos”, havia em abundância água no subsolo, mas era tão salgada que borbulhava e calcinava a caldeira e não fazia pressão. O Administrador insistiu e procurei todos os meios e de forma nenhuma encontrei um manancial suficiente e assim não pude resolver o problema. Além do problema da água estava assoberbado com o assentamento dos desvios da parada, e nessa situação e nesse impasse, em que empreguei os maiores esforços, fiquei tão depauperado e esgotado que pedi ao auxiliar para dividir com ele o meu trabalho afanoso. Fui porém mal compreendido em minha contingência. O Administrador foi em pessoa e afastou-me do serviço. Porém não me conformei com a deliberação; como da outra vez, insisti pedindo um trabalho. Ele então, ordenou-me que voltasse a Alexandria para construir uma caixa d’água e um poço para a alimentação das locomotivas.

Voltei assim, com minha família para aquela cidade, de onde me retirei em princípios de Julho. Construí a caixa d’ água e o



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

poço no local indicado pelo Administrador, e no dia 31 de Dezembro de 1949 – dentro de um carro de carga em um trem noturno – partia com minha família para Mossoró.

Quando sai de Alexandria já estava terminado o assentamento, com o desvio o triângulo de reversão, a Estação, com casas de Agente e de Mestre de Linha, com um tráfego provisório, mas não fora ainda inaugurada. A construção do prolongamento, com o serviço de terraplanagem e obras darte, já eslava além do quilômetro 250. Já acorrera a inauguração de Demétrio Lemos, mas não assisti a esse ato, como igualmente, não assisti a de Alexandria para completar o meu ciclo ferroviário.

Em Mossoró, onde vim parar, fiquei ainda aguardando ordens de serviço, mas contrafeito e humilhado. No quadro de funcionário, organizado na repartição competente do Rio, era classificado com categoria, e ordenado inferior a outros que dantes eram meus subalternos.

Era mais uma provação que o destino me reservara! Reprimi todavia, as minhas magoas e aguardei a ordem de serviço. Em minha desventura relembrei todo o meu passado, onde a mente parou na figura do Coronel Vicente Sabóia, que não mais existia. Doente das faculdades mentais e outros distúrbios orgânicos veio a falecer no dia 1º de Maio de 1947. Por um determinismo fatal ou por uma coincidência, faleceu no dia do trabalho o grande trabalhador de grandes lances na vida. A sua grande obra, com seu desaparecimento, foi se deteriorando por falta de alento de seu executor com os acontecimentos que acima descrevi.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A Estrada de Ferro de Mossoró em diante em seu projeto de grade, tinha grandes declividades com rampas extensas de 0,015, que dificilmente eram transpostas pelos trens de grande comboio. Tinha uma dessas rampas no quilômetro 52, que não se oferecia um terreno de acesso mais suave para desviá-la, mas no quilômetro 77 nas proximidades de São Sebastião, tinha a pior de todas, a de maior declive. Tinha a extensão de novecentos metros - passando por curvas que é um segundo obstáculo – em que a locomotiva subia guinchando, ribombando o vapor, e na impossibilidade de galgar, recuava para nova tentativa, que muitas vezes eram frustradas. Era assim forçada a deixar uma parte do comboio com prejuízo para o serviço do tráfego.

Para remediar esse erro do projeto primitivo, o Major Susine teve uma idéia luminosa. Resolveu fazer uma variante do lado direito da linha, onde, de fato, a topografia do terreno depois de estudado, oferecia uma linha em ótimas condições. Dava uma grande tangente, com uma pequena curva de grande raio, com pequeno movimento de terras, e com apenas um pequeno bueiro. Fui convidado para construir essa variante.

Eram mais dias de tormentas que ia curtir. Saia de casa em trem de carga, o primeiro que partisse, quase sempre no tender da locomotiva, no banco do foguista. No local do serviço ficava hospedado em casa dos operários, onde permanecia de dois a três dias, aguardando oportunidade de um trem que apanhasse quando o serviço o permitisse. A minha volta era igual a ida, sempre no tender com o maquinista, e muitas vezes chegava em Mossoró



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de dez às onze horas da noite, e tinha que andar, perto de dois quilômetros, para minha casa, que era dessa distância.

Não podia fugir dos deveres do meu cargo. Todos os fins de semana tinha que pagar aos operários; tinha que dar as alturas nos cortes e aterros e outras instruções de serviços.

Num certo dia fui acometido de gripe que me impedira de ir ao serviço. A minha caderneta de serviço de ponto, sem nenhuma explicação, foi mandada receber. Considerei-me afastado do serviço e lá mais não tornei.

Dava por terminada a minha grande jornada, uma verdadeira odisséia. Não podia mais conduzir o fardo que levava sobre os ombros! Tratei assim de minha aposentadoria, tirei meus tempos de serviços nas ferrovias de Sobral, Mossoró e Itapipoca, que perfizeram trinta e oito anos completos. No dia 31 de Dezembro de 1950 era homologada a minha aposentadoria, já dentro de setenta anos de idade.

Aqui termino a história da construção da Estrada de Ferro de Porto Franco a Souza, que está ligada a uma parte de minha biografia. Tudo foi um drama, do qual fui o principal personagem; assistia todo o seu epílogo, mas não sei qual será o seu desfecho.”



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

IX – QUATRO TRABALHOS DA AUTORIA DE PEDRO LEOPOLDO NA REVISTA “OESTE”.

REMINISCÊNCIAS...

“Cada um dos Estados da Federação tem sua cidade do interior mais importante, com foros de uma segunda Capital. Assim é que a Bahia tem Feira de Santana, Alagoas tem Penêno, Pernambuco tem Caruarú, Paraíba tem Campina Grande, e igualmente em outros Estados. Porém, nesta descrição, venho ocupar-me das três dos Estados do Nordeste: Parnaíba no Piauí, Sobral no Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte.

Na década de 1910 a 1920, residi ininterruptamente nessas três cidades, em contato com seus elementos, seu povo, sua vida e seu inércia, e pude observar e aquilatar o grau de progresso, de cultura e de civilização de cada uma. Nessa última, pelo maior tempo que nela vivi, identifiquei-me com o meio, a bem de meus interesses, fixei a minha residência, e nela fiquei eternamente radicado.

Cheguei pela primeira vez em Mossoró, em Novembro de 1912, e durante os três primeiros anos que aqui passei pude verificar a potencialidade desta grande terra. Era uma localidade que, pela sua situação geográfica, pelos fatores que lhe proporcionou a Natureza, estava fadada ao futuro mais promissor. Tudo quanto era riqueza estava ao alcance da mão do homem. Bastava somente apropriar e aproveitar.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Para o vértice dos territórios dos Estados do Piauí, Ceará e Pernambuco, a praça litorânea, o porto mais próximo era o de Mossoró. Todo o vale da direita do Jaguaribe, todo o vale do Apodi, e todo o vale do Piranhas, era o âmbito de seu raio de ação. Em todo esse grande setor, a praça de Mossoró fazia o seu intercâmbio comercial. Dessa região afluíam peles, algodão, cera de carnaúba e todos os gêneros de exportação, de onde, por sua vez, se abastecia de sal, tecidos, ferragens e de outros produtos de consumo. Nas proximidades do seu porto, com estuário navegável na extensão de quarenta quilômetros, com sua baixa altitude plana e espraiada, atingida pelas marés, formavam-se imensas salinas de uma produção imensurável. A extensão da área de suas matas, desabitada num chapadão espesso, com toda espécie de caça e plantas bromeliáceas, com madeiras de lei e outras riquezas naturais. O seu solo de aluvião milenário, encimando grossa camada de calcário, gesso, moluscos petrificados, e outras preciosidades geológicas, ainda desconhecidas. Tudo isso eram riquezas inesgotáveis, naturais da região. Quem quer que se ocupasse de sua industrialização, teria a sua fortuna garantida. O seu comércio, que progrediu tão florescente, decaiu depois de 1925. Perdeu uma grande parte de seu campo de operação mercantil, por inércia ou descaso de seus homens públicos, que deixaram os Estados vizinhos avançarem com suas vias de penetração, cercando a sua expansão numa zona circunscrita. Ficou sitiada por Fortaleza e Campina Grande. Apesar disso Mossoró não baqueou; o seu progresso não estacionou, a sua vida não entorpeceu. As suas riquezas naturais exploradas e industrializadas, só por si,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ofereciam vida própria. Os seus magnatas fizeram fortuna, não por exclusividade de seus trabalhos, e sim pelos donativos que a terra lhes prodigalizou. Se houvesse espírito de bairrismo por iniciativa de seus filhos, que os capitais lucrados na terra, fossem investidos em melhoramentos da gleba, Mossoró teria pelo menos, uma fábrica de cimento, uma de soda cáustica, uma outra de tecidos e muitas outras empresas, sem os favores do governo. É uma terra que progride, não pela união de seus filhos para um plano de desenvolvimento, e sim porque é, por um privilégio do destino, talhada para a grandeza.

No começo de 1916, afastei-me de Mossoró e segui para Parnaíba, segunda cidade do Piauí, de quem acima falei. Ali, estive todo aquele ano, quando me inteirei da civilização, do regime de vida e dos costumes daquela terra. Parecia ainda, naquele tempo, um núcleo em colonização, explorado por adventícios como um novo Eldorado. As suas possibilidades materiais eram muito superiores que as de Mossoró. Situada na bifurcação do delta, formado por um braço do rio de seu nome, para o estuário de Tutoia, recebendo os elementos deste, e do porto de Amarração, fazendo o seu intercâmbio com todo o Estado e com grande parte do Maranhão por via fluvial, desde os confins de Goiás até à foz, nos navios gaiolas, que naquele trajeto navegavam, tudo afluía para aquela praça como se fosse expedido por um conduto. Tudo ia em seu receptáculo como se fosse canalizado por uma calha. Sendo a única cidade portuária do Estado, tinha todos os foros de capital: Alfândega, Capitania do Porto, Inspetoria de Saúde, etc. Em contraste, porém, com essas vantagens, as suas condições



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
Joaquim Nabuco**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

vitais, o seu estado higiênico e sanitário, eram os mais deletérios. Não tendo calçamento em suas ruas, situada num plano cheio de concavidades, as águas fluviais formavam poças e charcos estagnados com miasmas pestilentas. Não tendo limpeza pública com remoção do lixo, os detritos que se acumulavam nos quintais, exalavam tal fedentina que atraía os urubus. Daí, a febre e muitos surtos epidêmicos que ali grassavam constantemente. Entretanto, à proporção que os vírus infestavam, o dinheiro regorgitava. Os lucros fáceis atraíam especuladores de todas as nacionalidades. Ingleses, italianos, turcos, sírios, etc., ali vieram se estabelecer e com a ganância própria do carcamando, amelhavam a pecúnia com uma mão na chave do cofre, e com a outra fechando o nariz com um lenço. Havia, porém, em tudo isso, um contraste entre o desleixo e o esmero. Enquanto a população vivia exposta às epidemias letais, fazia gosto se entrar num certo estabelecimento de padaria, vendo todos os seus produtos expostos em prateleira de vidraça. Enquanto não havia um salão de barbearia que deslumbrava a quem ali entrasse, pelas matrizes de sua pintura e pela disposição dos cristais que ali se viam. De qualquer forma, algo inegável, Parnaíba era um grande empório. Era uma terra de futuro brilhante.

Era este o retrato daquela cidade quando de lá me ausentei. Depois fui informado que tudo ali evoluiu; tem já todos os requisitos de salubridade e urbanismo, e é um grande centro de civilização.

Sobral, apesar de ser uma cidade de meu Estado natal foi a última em que me relacionei. Conheci-a, superficialmente, de



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

passagem, ou em ligeiros passeios de negócios, e, só em 1920, entrei em contato com a sua gente e o seu meio. A antiga Januária, não foi, como as outras cidades acima referidas, favorecida pela sua localização. Situada a cerca de cem quilômetros do litoral, sem fatores naturais de vida e de elementos, Sobral devia quer-se por si, e se fez realmente. Há um “slogam” que Deus fez o mundo e os holandeses fizeram a Holanda. Plagiando essa frase histórica, digo que os jesuítas fizeram o Ceará e os sobralenses fizeram Sobral.

Até meado do século passado, fazia o seu comércio com o então porto de Acaraú em transporte de carro de boi, mas com todo aquele primitivismo, a florescente cidade fez a sua base de vida, e formou a sua cultura para um futuro de estabilidade. Com o esforço e o esmero de seus filhos, na fase da terceira para a quarta geração, já surgiam os seus homens de letras, os seus preladados e os seus estadistas. O homem de negócios penetrou nos ínvios sertões em dorso de alimárias como os beduínos no deserto, instalando as suas fazendas de criação e incrementando o seu comércio arcaico mas futuroso. E assim foi aos poucos consolidando a estrutura de sua máquina de vida.

Nas eras de 1880, quando chegaram os trilhos da Estrada de Ferro, Sobral já era um centro de civilização. Já tinha a sua vida social, com os seus “dancings”, os seus cassinos, o seu teatro e a sua elite. Com o prolongamento da Estrada de Ferro o seu progresso floresceu. Fundou a sua fábrica de tecidos e muitas outras pequenas indústrias. Tinha a sua imprensa de publicidade com seus periódicos e órgãos de partido. Por longo tempo, ali foram



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

publicados, simultaneamente, quatro hebdomadários com grande tiragem e expedição. O seu comércio se estendeu até o Estado do Piauí, em competição com Parnaíba e Teresina. O caixeiro viajante levava a sua propaganda com lista de preço da mercadoria e angariava a preferência para suas vendas.

Estava desbravado o caminho do progresso, as vezes por estradas retilíneas, e as vezes por sendas escabrosas. Estava firmada a sua conquista.

Ninguém mais bairrista do que o sobralense. E orgulhoso de suas tradições e se preza da terra natal. Sente-se honrado pela memória de seus avoengos ilustres, que ali tiveram o seu berço. De todas as cidades cearenses, foi Sobral que deu figuras mais ilustres à Pátria, na política, nas letras, nas ciências, no clero e em todos os ramos de cultura.

A ligação da Rede de Viação Cearense e o tráfego do caminhão vieram colher a sua expansão comercial, mas esse entrave não afetou os louros que ornavam a frente da “Princesa do Norte”. O seu renome e a sua glória ficaram inabaláveis e indestrutíveis.

O HOMEM RURAL E AS LEIS SOCIAIS

“Não tenho a pretensão de ser um técnico abalizado em assuntos da vida rural; sou porém um observador experiente e prático. Mourejei 20 anos na vida do campo, colhendo os seus frutos regados com o suor de meu rosto. Fui, em ponto pequeno, um policultor. Nos sertões adustos do Ceará, minha terra natal, se-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

meei e cultivei todas as plantas indígenas do Brasil tropical, desde o milho, a mandioca, desde a mamona ao fumo. Nas baixadas, nos vales férteis, cultivei a cana, café e muitas espécies de fruteiras. Em minha vida bucólica fui também um pecuarista; criei todos os gados, desde o caprino ao cavalari, e em todo esse tempo de labor e de canseiras, em luta com as pragas nocivas, com os males zoonésicos, e com as hostilidades da própria Natureza, verifiquei e senti quanto era penosa, precária e malbaratada a vida do camponês. As suas esperanças, o fruto de seus esforços, estavam expostos a mil contingências; estavam dependentes de diversos fatores incertos e falíveis. Quando o fator inverno lhes favorecia, com uma boa safra, o nível de vida era tão desajustado, na desvalorização de seus produtos, que o preço de um alqueire de cento e sessenta litros de farinha não era bastante para comprar uma roupa de mescla. Além de toda essa penúria, o lavrador era visto como um ser desprezível, perante os bafejados pela sorte. Os matutos de chapéu de couro, ou de palha casco de peba, de alpercata leco-leco, eram escarnecidos com irrisão. Eram tão desprezados que nem sequer constituíram uma classe; eram os parias, a escória da sociedade. Entretanto, aqueles bravos soldados da batalha da vida eram os esteios da nacionalidade.

E assim continuaram a vida afora, esquecidos abandonados pelos poderes públicos, em sua rotina, em seu primitivismo, com a enxada no ombro, da choupana para o roçado. Eram uns mártires abnegados.

Não aparecia um veterinário que ministrasse um remédio nos surtos epizooticos que acometiam os seus rebanhos; não aparecia



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

um agrônomo que proporcionasse um remédio para combater as pragas que assolavam a lavoura; os processos de poda, enxertia e adubação, para eles eram um mito, uma utopia. Viviam como os próprios vegetais; displicentes e apáticos, à mercê da Natureza, mas firmes e estoicos, amando a gleba onde viram a luz do dia.

Ao surgir uma seca, esse fenômeno calamitoso, era a quadra crucial com os espinhos mais agudos de seu infortúnio. Deslocavam-se de seus lares conduzindo toda prole e seus muafos, em direção as grandes cidades, ou dos serviços públicos. Nesta conjuntura, o retirante não era mais o bracejador da enxada e do machado: era um mendigo. Com todos esses reverses o batalhador do campo não perdia a sua tenacidade. Quando caía a primeira chuva, ei-lo de volta, de enxada em punho-dentro de seu roçado.

Diante desses azares, tentei como fiz todo nordestino fracassado, procurar um emprego remunerado. Achei e coloquei-me, mas em minha nova profissão, não me esqueci de meus irmãos infelizes.

Passaram-se os tempos.

Em 1916, no auge da primeira guerra mundial, quando a Europa desfalcada de víveres pedia auxílio ao Brasil, o Dr. Venceslau Braz, então Presidente da República, lançou um brado de advertência a todos os brasileiros, incitando-os a intensificar os labores do campo, provendo os seus celeiros, antes que a fome lhes batesse a porta.

O Engenheiro João Thomé, como Presidente do Estado do Ceará, por sua vez, decretou prêmio em dinheiro, no desenvolvimento do progresso rural, sobre a maior produção de cereais e



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de plantas forrageiras. Com este estímulo, e com o copioso inverno de 1917, os celeiros se abarrotaram, e os rebanhos proliferaram. Os prêmios foram conferidos. O Ceará tornara-se uma verdadeira Canaan. Os gêneros alimentícios eram embarcados em grande escala para todos os portos da Europa. Os meios de transporte, nas vias-férreas de Sobral e Baturité, eram insuficientes para atender aos exportadores. Todos os gêneros tinham aceitação e tudo se valorizou. No campo pastoril não era menos o surto de progresso. O Ceará exportava gado, queijo e até carne salgada, para o Pará e outros centros consumidores.

Quando terminou a grande guerra sobreveio a seca de 1919, com os efeitos mais funestos para a vida rural. Era o ciclo fatídico do tempo, que contornava os nossos destinos. A estiagem prolongou-se até fins de fevereiro de 1920, aniquilando as nossas bases econômicas, desfalcando nossos rebanhos em cerca de 60%.

Por uma inversão, e uma ironia dos tempos o Ceará, que antes exportava gado e outros gêneros para o Pará, passou a ser importador. Durante aquela época o Pará nos fornecia todos os gêneros comestíveis, desde a carne, a rapadura, desde a farinha de mandioca ao arroz.

Em 1920, a vida rural se normalizou no Nordeste, mas os mercados internacionais alteraram o ritmo de seu intercâmbio. Vez por outra, se ingurgitavam os centros consumidores suspendia-se a exportação, dando lugar a super-produção.

Em São Paulo, por uma medida irrisória, o governo mandava incinerar o café, e no Ceará os gêneros se deterioravam nos estoques por falta de transporte ou por falta de mercado. O obreiro do



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

campo atravessava, passivamente, todas essas vicissitudes. Para solucionar o problema de nossa estabilidade econômica dependemos de diversos fatores, mas, nessas considerações eu quero estender-me mais na parte social, sobre o fator homem.

A revolução de trinta, com suas reformas básicas, veio alterar e inverter a vida das massas. Criou e desdobrou os Ministérios com uma nova legislação social. Criou o Ministério da Educação, com novos métodos de ensino, mas não o desenvolveu proporcional às populações nos núcleos rurais. Criou o Ministério da Saúde Pública, com entidades, instituições e aparelhamentos nas capitais, mas nenhuma assistência proporcionou ao homem do campo. Criou o Ministério do Trabalho com sindicatos e institutos de previdência, com salário mínimo, férias e descanso remunerado, para os operários das fábricas, mas não contemplou o trabalhador rural, dentro de um quadro adequado a sua profissão. Não limitando à hora de trabalho, nem com férias remuneradas, acirrando rixa e inimizade entre o agregado e o proprietário, mas criando um instituto agrário que com uma certa cota de contribuição lhe garantisse o direito de assistência médica educacional e de bem estar. Não houve, pois, equidade na reforma social do Messias de trinta, e trinta e sete.

Diante desta disparidade, o camponês desvencilhou-se dos liames que o prendiam à terra e veio para a cidade, a cata de emprego nas Fábricas, nas empresas, nas salinas, onde munido de uma caderneta do respectivo Instituto tivesse assegurada a sua aposentadoria. Daí decorreu a escassez da produção, a inflação e o custo de vida.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A proporção que a população aumentava decrescia a produção, ressentia-se a falta de transporte, desvalorizava-se a moeda, encarecia a mão de obra, a procura era maior que a oferta, e a carestia recrudescia. Para corroborar com minha afirmativa, cito os seguintes fatos. A um pai de família, que recentemente mudou-se para esta cidade, interpelei:

– Meu amigo que vantagem você acha em deixar o sertão e vir residir aqui, onde a vida é tão difícil. Aqui você paga aluguel de casa, compra água, lenha, compra todos os alimentos, desde o sal, a farinha, e o salário que você ganhar, em qualquer emprego que possa obter, não é bastante para custear tanta despesa!

– Meu senhor – respondeu ele – eu aqui ainda que passe fome sofro menos do que onde eu vivia. Eu lá também trabalhava alugado. É certo que o patrão me dava terra para plantar o quanto eu pudesse, mas para eu me manter tinha que trabalhar, durante a semana, quatro dias para ele e dois para mim. Um dos dias que me tocava, eu perdia indo a feira do povoado comprar o que precisava. Lá eu comprava querosene, sal, café, açúcar ou rapadura, tudo em pequena quantidade porque o dinheiro era pouco. Só dava para uma semana. Quase sempre eu perdia a primeira planta que a lagarta comia. Teimava e replantava mas devido a isto, e a inconstância do inverno, a minha colheita era uma bagatela. Mas isso era o menos; o pior eram as doenças.

– Lá não tinha médico, não tinha farmácia e a gente morria à míngua. Num certo dia toda minha família caiu doente de uma diarreia horrível. Corri ao povoado em procura de um remédio; sem perder tempo voltei mas quando cheguei já tinha morrido



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

um menino. E eu dei o desespero quando vi o meu querido filho morto, e outros em risco de morrer também, e na minha dor, na minha aflição, não apareceu uma pessoa que me desse uma consolação, um alívio. Não tinha vizinho perto de mim. Só mais tarde o patrão soube do caso, e mandou-me fazenda para mortalha e se encarregou do enterro. Os outros doentes foram melhorando até que ficaram fora de perigo. Disseram os entendidos que foi um intoxicamento. Cheio de horror, em poucos dias eu ajustei minhas contas com o patrão, e arribei para cá. Não sei se arranjei um emprego que me convenha morar aqui, mas o certo é que para o sertão não voltarei mais.

Depois desse fato tirei a conclusão de outro, igualmente elucidativo Um rapaz moço de boa compleição, chegava a uma repartição, pedindo um emprego Eu olhei para o desconhecido, avaliei a sua capacidade de trabalho pela sua robustez, pela sua musculatura e aconselhei:

– Rapaz, não queira saber de emprego! Vá plantar no sertão que é mais proveitoso! Veja que um litro de feijão está custando cinco cruzeiros! Para que negócio melhor! Ele lançou-me um olhar fixo de desprezo e nada respondeu. Em seguida, decifrei naquela manifestação muda a seguinte réplica: O senhor que mora numa cidade onde tem rádio, tem luz elétrica, tem médico, tem farmácia, tem escola pública, tem fábrica, tem riqueza, me aconselha a ir plantar feijão nas bibocas do sertão!

Aquele pretendente tinha razão. Todo rapaz no vigor da mocidade deseja viver numa cidade, num meio metro que tenha cinema, futebol, que possa estudar, possa se empregar numa fábri-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ca, numa oficina onde aprenda uma arte. É justo, pois, que tenha suas aspirações.

Esses fatos patenteiam a nossa posição social. A legislação trabalhista do último governo, deixou esta desigualdade de classe. Esperemos que os estadistas que sobreviverem, em suas clari-vidências, compreendam a magnitude desse problema com a lição da experiência e corrijam este desequilíbrio.

Para fixar o homem ao solo, como tantos se apregoa, não são bastante as barragens com irrigações. O seu complemento a assistência técnica, profilática, educacional e financeira. Em cada estado ter uma turma de Agrônomos e Veterinários que possam atender in-loco às necessidades dos rurícolas, cada vez que forem chamados. Em cada Município, manter um médico pago pelo Instituto Agrário para atender a todos, em caso de moléstia. Distribuir por cada núcleo de 200 habitantes, ou no âmbito de um raio de uma légua. Essas com aulas diurnas e noturnas para infantes e adultos. Financiar os seus ramos de atividade com crédito a longo prazo, no regime de prestação ou de empréstimo coletivo, com garantia de hipoteca da propriedade, ou de qualquer forma de penhor, mas sem os entraves e as exigências de burocracia e do oficialismo. Enfim, equiparar as classes rurais às outras classes laboriosas, com modalidades diferentes, mas com a principal finalidade – aposentadoria na velhice. Cada Prefeito Municipal deve criar feiras livres e construir cemitérios nestes aldeamentos. Cada Pároco deve erigir capelas, e visitá-las com missas quinzenais. Com esses estímulos e com esses auxílios,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

poderemos identificar o homem ao campo. Reajustando os setores da vida.

Não desanimes, não claudiques em teus passos, obreiro das searas, precursor da vida! A tua profissão é a mais útil a mais humana, a mais altruísta. A tua missão é a mais nobre a mais elevada. Não te envergonhes de tuas mãos calosas, de teu rosto tostado pelo sol, de tua blusa de algodão. Não invejes aqueles que vivem nas cidades, freqüentando os cinemas, os bares e os cabarés. Agüenta-te em teu rincão, em tua casa de taipa, com tua lamparina de querosene, com tuas calças arregaçadas, pisando nos lamaçais Resigna-te com tua sorte! O teu dia chegará! Não esperes tudo dos poderes públicos! Confias mais em teus braços, em tua iniciativa, e depois terás o galardão.

Deus quando correu o primeiro homem no Paraíso sentenciou: “Comerás o teu pão amassado com o suor do teu rosto, mas trabalha que eu te ajudarei” A promessa divina não é falaz; mais cedo ou mais tarde ela será cumprida. Com a tua perseverança vencerás; o teu futuro é promissor! Um dia terás em tua fazenda, luz elétrica, escola, médico, ambulância, maquinismo agrário, missa dominical e sobretudo riqueza. Aqueles que escarnecerem de ti, que estão residindo na cidade, no meio de suas diversões, se não recorrerem ao campo, pedindo a terra os frutos de sua faracidade, fatalmente a fome os acossará e um dia te procurarão, implorando os grãos de teu celeiro. Neste dia, receberás os teus louros, os teus aplausos como prêmio de teu estoicismo.”



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

OS PROBLEMAS DO NORDESTE

“Esta parte do setentrião do Brasil, que se denomina Nordeste – desde o Piauí à Bahia – pela sua situação geográfica, tem as suas particularidades, as suas características próprias de sua natureza. Situado na zona tórrida, entre o Equador e o trópico de capricórnio, esta região tem as suas variações, os seus fenômenos, sua instabilidade, em seu clima, em seus elementos, em seu progresso e em sua vida econômica.

O conjunto que compreende o chamado “Polígono das Secas” com uma área de 1.804.000 Km² e com uma população de 12.917 000 habitantes separada por uma pequena faixa do litoral, desde os limites da Bahia com Minas gerais, até João Pessoa – o seu solo é árido, adusto e áspero, com um clima anormal – inconstante em sua pluviosidade. Tem anos seguidos de secas ardentes com diminuta precipitação pluviométrica e tem em contraste – épocas de invernos torrenciais - com alagações e inundações numa segunda calamidade.

O Ceará e o Rio Grande do Norte são em todo o perímetro os mais atingidos. Para atenuar ou sanar os seus males, têm os seus problemas seculares aguardando solução pelos poderes públicos. Entre esses problemas, temos o social, o de saúde pública, o cultural e o etnográfico, mas nessa explanação queremos nos ocupar do climático, econômico e agrário, a começar pela açudagem, obras de irrigação, fertilização e industrialização e abastecimento. Neste setor o Ceará já tem meio caminho andado; já tem grandes reservatórios nos principais cursos d’água, mas precisa



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ainda aproveitar a aplicar a sua fertilização: fertilizar as terras jusantes com sua rede de canais, e adaptar o seu potencial hidrelétrico no desenvolvimento da indústria dentro de seu âmbito propulsor.

No Rio Grande do Norte, porém, dentro desse plano, quase nada se tem realizado. Enquanto no Ceará tem diversos reservatórios de um bilhão acima de m³, no Rio Grande do Norte o maior de todos não chega a armazenar 500 milhões. Além disso – por um imperativo da natureza – nas maiores cidades do litoral como Mossoró, Areia Branca e outras, o problema da açudagem é premente e clamoroso para o abastecimento das referidas cidades.

Para esse fim imperioso, projetou-se a construção do “Santa Cruz” a cerca de oitenta quilômetros de Mossoró; por falta de empenho e compreensão de nossos representantes, essa obra de grande utilidade pública ficou relegada ao descaso. Enquanto isso, para abastecer Campina Grande, construiu-se o “Boqueirão de Cabaceiras” com água aduzida por elevação, bombeada em dois planos, quando a do “Santa Cruz” seria impulsionada por força da gravidade. Enquanto nos debatemos com a falta d’água, o governo manda, construir no vale do Jaguaribe, no Ceará, o “Banabuiú” e o “Orós”, esse último com quatro bilhões de m³. Como cearense, congratulo-me com meus conterrâneas por essa grande realização, mas como habitante de Mossoró, julgo o açude “Santa Cruz” para abastecimento desta cidade e Areia Branca, em primeiro plano do que o “Orós” no Ceará.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O problema do abastecimento de Mossoró é uma velha aspiração, que entrou em ação no governo Gaspar Dutra, quando era Prefeito do Município o saudoso Dix-Sept Rosado, que depois de eleito Governador do Estado, deu impulso ao empreendimento, contratando com os Escritórios Saturnino de Brito a execução dessa obra, que só foi concluída no governo Silvio Pedrosa.

A linfa devia ser aduzida de poços escavados nas várzeas emanada e infiltrada do rio em quantidade suficiente para abastecer a cidade. O precioso líquido devia ser submetido a um processo químico, que a sua propriedade salobra se transformasse em água potável. Os efeitos, porém foram negativos e decepcionantes. Depois da instalação nos domicílios se verifica que a substância adaptada, apenas purifica e cristaliza, mas não mudara o sabor agro-salino tão repugnante ao paladar. Durante o inverno muda-se a adubação para o rio e no verão volta-se para os poços sulfatados, que de Novembro em diante cresta as plantas nos pomares e jardins, daí a idéia do açude “Santa Cruz”.

Consta que nos primeiros anos da República o Deputado Almino Afonso apresentara um projeto na Câmara concedendo o abastecimento para uma cidade do Estado (creio que Macau) quando outro Deputado combate a sua proposição. O ardoroso abolicionista tomado de revolta retrucou com veemência o seu opositor:

– “Para dar de beber a quem tem sede eu enfrento qualquer obstáculo até se for preciso, ir com V. Excia. à ponta de minha faca.”



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Diante do exposto se justifica o nosso ponto de vista acima exarado, preferindo o açude “Santa Cruz”, do Apodi para abastecer Mossoró e Areia Branca, ao “Orós” no Ceará, que deixa em sobressalto, nas grandes torrentes, toda a ribeira, desde Jaguaribe ao Aracati.

Depois da açudagem como fator de grande utilidade no progresso e na vida econômica da região como acima expus – o problema mais palpitante é o da energia hidráulica emanada da cachoeira de Paulo Afonso, de outra cachoeira do Parnaíba – “Boa Esperança”, do açude “Lontras” na fronteira do Ceará com o Piauí, e de outros grandes reservatórios do Polígono, para beneficiar todo o Nordeste.

A energia motora, onerosa e dispendiosa como é, dependendo de maquinismos, alimentados e acionados por combustíveis caríssimos, não está mais ao alcance de todos os consumidores, dos pequenos industriais, para dar incremento às suas indústrias. Enquanto um Kwh de energia hidrelétrica custa no máximo Cr\$ 3,00 a da força motora é fornecida, no mínimo, a Cr\$ 9,00 nas empresas e nos centros onde ela é empregada e utilizada.

Aqui em Mossoró – por exemplo – a energia que a empresa fornece, além de cara, é falível e precária. Dias corta a luz pública das ruas, deixando apenas nos domicílios, dias amortece a energia deixando a luz baixa por algumas horas, e dias corta tudo por completo durante o dia, em reparo aos velhos motores. As pequenas indústrias, movidas por essa força precária, são prejudicadas em sua produção e seu comércio, da mesma forma, prejudica as necessidades domésticas que dela se utilizam.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Passemos a descrever as vantagens da energia hidrelétrica, onde ela é instalada e utilizada, e das possibilidades futuras que dela poderão advir. Além da grande catarata de Paulo Afonso no São Francisco (CHESF) que distende a sua rede em vasta região, o boletim do D.N.O.C.S. publica os estudos de grandes obras hidrelétricas em todo o Nordeste desde o Piauí a Bahia. De todas essas fontes queremos citar a instalação de uma pequena turbina de 200 cv. no Açude “Piranhas” do Estado da Paraíba, depois no mesmo Estado instalou-se uma unidade no açude “Curema” com 250 cv. e encomendaram-se dez grupos hidrelétricos completos, com subestação para os açudes - “Boqueirão”, “Mãe D’água”, “Poço da Cruz”, “Jacurici”, “Araras”, “Aires de Souza”, “Pentecostes”, “General Sampaio” e “Banabuiú” nos Estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia e mais ainda uma segunda unidade para o “Curema”. A potência total desse conjunto se eleva a 24.800 cv. Anota ainda o citado boletim, que está projetada na rede do “Curema”, uma ligação em todas as cidades do sul da Paraíba desde Patos a Cajazeiras, com transmissão para Piancó e Catolé do Rocha numa extensão de 150 Km.

Para o Ceará, quando for construído o açude de “Lontras” - de que acima falei - com a potência de 50.000 cv., com mais o aproveitamento do “Orós”, dois terços do estado ficarão servidos desse grande fator de progresso. Dos Estados do Polígono, mais premidos em sua vida econômica, só o Rio Grande do Norte não conta com a menor parcela de força hidráulica em seus próprios elementos. Todo o Estado está a mercê da hidrelétrica de Paulo Afonso. O Piauí tem em seu grande rio a chave da solução do



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

problema. Quando construírem a barragem em projeto da cascata da Boa Esperança no rio Parnaíba, setenta quilômetros acima da cidade de Floriano, os benefícios proporcionados serão portentosos; garantirá a navegação fluvial regularizando o nível das águas, e com o seu potencial de 1.000.000 cv, fará cadeia com a rede de Paulo Afonso, favorecendo toda região do Polígono. O Nordeste, então, terá construído as bases de sua vida econômica.

Para o desenvolvimento da Terra nordestina, outro problema nacional. Sendo o Brasil um País de vasto território – com os centros produtores distantes dos consumidores, com o aumento demográfico, e por conseguinte com o aumento do consumo, com a procura maior que a oferta – é compreensível que os meios sejam difíceis. É um problema que está afeto a circunstâncias acidentais, em suas vias de condução, desde a marítima, terrestre, ferroviária ou rodoviária, com risco de danos, ou a cobertura de seguros onerosos, das mercadorias e dos veículos que as transportam. Ainda mesmo nas estradas de tráfego intenso, asfaltadas ou consolidadas, está na iminência de desastres espetaculares, com a perda da carga do veículo, e do próprio motorista fiador.

Os nossos portos - uns com os canais da barra obstruídos que não permitem o acesso dos navios no cais do porto, baldeando a carga para barcaças, sob a imposição dos barcaceiros e capatazes – outros desaparelhados com pequenos ancoradouros que não permitem a descarga de mais de um navio ao mesmo tempo. As ferrovias, de bitola estreita com uma só linha de ida e volta, com os comboios parados nas Estações aguardando perigos de vida; com seu sistema antiquado no recebimento e entrega de merca-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

dorias com os armazéns abarrotados de mercadorias se deteriorando, tudo isso é prejudicial, ao vendedor, ao comprador e ao consumidor.

O problema está, além de tudo, subordinado, às leis sociais: salário mínimo, férias remuneradas e direito de greve, ao empirismo dos afluídos políticos com as repartições repletas de ganhadores, dilapidando as rendas arrecadadas.

Diante do exposto, é impossível qualquer empresa de transporte por via terrestre ou marítima gerida pelo governo manter-se com as suas próprias rendas; todas elas darão déficits estupendos.

Vê-se, pois, que o problema de transporte não tem solução: teremos que lutar contra esse polvo e seus tentáculos, que, com todos os males que acarreta, é o maior fator da carestia da vida.

Temos finalmente em frente outro problema de fundo transcendental, para o progresso de nossa região, que engrandece o nosso patrimônio econômico – o reflorestamento de nossa área vegetal, tão apregoado desde os primeiros tempos de nossa civilização. As derrubadas, as queimadas, foram sempre uma questão explanada ao campo da teoria, pelos homens de letras e de imprensa: escritores, jornalistas, parlamentares, etc, contra o homem do campo, o lavrador, o lenhador e homem do machado. Euclides da Cunha em sua primeira obra – “Os Sertões” já denominava aqueles obreiros de nossa vitalidade, de “Fazedores de Deserto”, e essa imputação continuou tempo a fora incriminando o profissional da lavoura, como o dissipador dos bens que a natureza nos deu. O Ministério da Agricultura (do reflorestamento das matas), com a sua equipe especializada, resolve, vez por ou-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tra, mandar um “figurão” ao interior, incentivar a restauração da flora devastada pelo destruidor inveterado.

Essa entidade, na cidade que visita, entra em contato com o Prefeito e outras autoridades, promove sessões, faz conferências nos auditórios, da entrevistas, explana os seus projetos e os seus programas traçados e volta a sua sede sem nada aliciar. Nas maiores cidades, cuidam de hortas florestais, com plantas de árvores de arborização, das ruas e dos jardins e o campo a mercê da natureza e de seu proprietário, em sua lida rotineira condenado a aviltado pelos senhores do nossos destinos.

No dia da árvore, com um aparato festivo, um grupo de funcionários e colegiais, faz demonstrações de fachada com mudas de plantas, com um simbolismo improficuo sem nada incutir no espírito público; e os senhores da missão, da imprensa e de outros órgãos de publicidade, em suas teorias e em suas mentalidades, continuam martelando na mesma tecla, contra o homem do machado, num despautério impertinente. Esses senhores arautos do reflorestamento, nos respondam com raciocínio e lógica, se não fora o homem do machado que nos fornece combustível para nossas cozinhas como se poderia manter aquele que não pode adquirir um fogão a gás butano?

Como poderíamos conseguir materiais de nossas construções: cal, tijolo e telha – senão temos a hulha para calciná-los – e madeira para tetos – desde a ripa a viga – se não podemos importá-la do extremo norte ou do sul do País. Onde encontraríamos meios de subsistência se o homem do campo não nos fornece de seus celeiros?



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em nossa região não temos florestas na acepção da palavra. Temos um matagal de árvores desnudas, pobres de seiva, que têm pouca duração e se o proprietário não aproveitar, elas secam e apodrecem com as intempéries do tempo.

No dia que for vedado o homem do machado fornecer lenha e madeira para construção e cultura do campo, nesse dia terminarão os elementos da vida. Se os senhores de nossos destinos pretendem florestar a nossa área vegetal, deixem as suas teorias e venham pelos meios práticos mandando um agrônomo para cada Município, instruindo e incentivando o homem da roça a aproveitar as suas searas, os seus campos de cultura, plantando no meio das plantas de sua lavoura – com determinado espaço – as árvores que perfazem a nossa riqueza e as nossas necessidades. Nas várzeas dos rios plantar carnaúba, oiticica e árvores fruteiras. Nos baixos arenosos, plantar algaroba e canafistulas e outras forrageiras ou leguminosas. Nos terrenos pedregosos e argilosos, plantar árvores de madeira de lei: pau de serrote, pau d'arco, aroeira, bálsamo, sapucaia, imburana, angelim, cumarú, sucupira, etc, e nos terrenos sáfaros, plantar jurema que é a nossa hulha e que dá o carvão de maior grau de caloria.

Com essas providências, com essas medidas, com esforço afincado e interesse, é que os homens do poder executivo deviam agir, a fim de chegarmos ao nosso desiderato. Ai então transformaríamos a nossa plaga num verdadeiro Líbano, numa nova

Letônia, numa antiga Canaan.”



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

OS PARTIDOS E O VOTO SECRETO

Os partidos políticos, no regime da Monarquia, eram entidades soberanas que regiam os destinos da Nação. Os seus Diretórios eram hierarquias encadeadas e subordinadas em ordem categórica, desde o Município ao centro do Império. As suas deliberações eram dógmas que todos os seus adeptos as aceitavam, sem discutir e sem vacilar. Eram todos unidos em comunhão de idéias, interesses e sentimentos, como uma família de membros consangüíneos. Ninguém discrepava nem divergia, nem se desviava de sua diretriz. Ai daquele que desertasse de suas fileiras! Era um trânsfuga, um réprobo estigmatizado com o ferrete da ignominia, execrado e escarnecido por todos como um ente desprezível. Os partidos eram assim, células consistentes, com raízes profundas no seio da Nacionalidade.

Proclamada a República, essas entidades, com o decorrer dos tempos, foram aos poucos se esmaecendo e se desvirtuando; e depois da revolução de trinta elas foram decaindo sensivelmente de suas pujanças e de suas prerrogativas. Começaram por se desdobrarem e subdividirem-se em novas agremiações com denominações sedutoras e mirabolantes, com abreviaturas de iniciais, confusas e esdrúxulas. Não têm raízes nas tradições históricas, não têm fulgor na bandeira de suas hostes, não tem âmbito nacional, e não têm elementos próprios para as pugnas. São corpos débeis e exangues; precisam se fortalecer.

Nas demarches para as eleições eles se mobilizam numa aproximação febril, de uns com os outros, para se aliarem num



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
Joaquim Nabuco**
COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

pacto de negociatas e barganhas. Confabulam-se, com táticas ardilosas visando o êxito de seus planos. Não têm, porém, coesão facciosa. Num Estado ou mesmo num Município, o PRP é aliado ao PSD contra o PR e o PTB e em outra zona eleitoral as mesmas correntes se ligam vice-versas, combatendo os seus aliados.

Por toda essa mixórdia e esse contra-senso, os partidos perderam a sua preponderância e a sua estabilidade; perderam a voz de comando ao menor aceno de seus líderes. São hoje entidades anacrônicas, de estrutura combalida, que a evolução social não mais comporta em sua ideologia. Estão assim, praticamente, abolidos e extintos.

Por um dispositivo da lei, os partidos são apenas meras formalidades simbólicas, um rótulo, uma legenda para fins eletivos, mas sem expressão e sem o menor incentivo no âmbito do votante.

O eleitor escolhe o candidato de sua preferência, sem orientação e sem influência dos partidos; muitos subordinados por dinheiro, por um emprego ou por um favor, e alguns por amizade ou por simpatia. Quase sempre, sufragam um candidato medíocre, mas de temperamento afável, atencioso e acessível. Às vezes se deixam dominar por um demagogo, que promete uma cornucópia de benefícios e favores e que sabe proferir um discurso veemente contra o adversário. Nunca porém, votam no candidato austero, de uma figura íntegra e circunspecta. Os de natureza mercenária, negociam o voto por um estipêndio proveitoso; os de espírito mais elevado se articulam entre si, em torno do candidato



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do seu agrado, movidos por um impulso psicológico como as ovelhas de Panurgio.

Por um princípio de lei, os candidatos bons ou maus são eleitos pelas massas, acobertados pelo voto secreto, que é o dispositivo mais nocivo da lei, que cada dia mais se avilta como passa a expor.

O momento que atravessamos vem a propósito explicar aos leitores esta modalidade eleitoral, admitido por lei, como uma medida salutar. O pioneiro do voto secreto, no Brasil, foi o ilustre jurista José Carlos de Matos Peixoto que o aplicou nas eleições do Ceará quando era Presidente do Estado, e que depois foi adotado em toda a Nação; desde a Constituinte depois da revolução de trinta. De fato, era o sistema eleitoral mais adequado à mensalidade e à índole de nosso povo, sem formação e sem compreensão dos direitos e deveres do homem.

O brasileiro, por princípio, não prima por sua independência; acha que aquele a quem ele presta o seu serviço; mediante um salário convencionado, deve ser um Patrão e a este fica subordinado. Acha que para ser eleitor deve procurar ou aceitar um Chefe que o induza votando no candidato por este indicado, ficando penhorado o troco de favores. Não tem compreensão que num regime que chamamos democracia o povo, o cidadão é soberano. O mandatário é quem é subordinado àqueles que o elegeram. O delegado de um mandato, executivo ou legislativo que recebe os seus subsídios e vai gozar a vida nos “dancings”, nos passeios e nas orgias, não se interessa pelo bem público de sua terra e da coletividade, aqueles que o elegeram têm o direito de mandar-lhe



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

um ultimato, exprobrando-lhe os atos e advertindo que o seu nome será excluído na próxima legislatura.

Mas, o nosso povo, sem altivez, não se compeetra de sua supremacia. Continua a votar às ocultas, fechado nas cabines com medo do Chefe e do candidato a quem ele ludibriou.

Nós não precisamos de Chefe, não precisamos votar em segredo e nem precisamos embair a ninguém. O que precisamos é de uma nova lei eleitoral restaurando o voto a descoberto que se possa fazer a apuração, sem fraude, conferindo o número de cédulas com o número de votantes. Que todos os eleitores sejam independentes, avultos, obrigados a votar, mas sem tutela e sem subordinação a ninguém; sem ligação de partidos e com plena garantia de liberdade. Que nenhum cidadão tenha o direito de registrar a sua própria candidatura. Cada corporação política seja selecionada num conclave secreto de tantos próceres, dentre os homens mais idôneos - nas sedes dos Municípios e nas Capitais – com o duplo dos candidatos da representação, desde a Câmara de Vereadores ao Senado Federal. Que os mais votados sejam os eleitos e os menos votados sejam os suplentes; nenhum será deputado. Assim não haverá dissensões, nem animosidade nas eleições, e tudo terminará em festa, na melhor harmonia.

Voltando ao voto secreto, sei de experiência própria que este dispositivo eleitoral é um dardo de duas pontas, com subterfúgios e escapatória. Serve para eleger um inimigo e serve para iludir um amigo. Do primeiro caso eu próprio já me utilizei. Numa eleição de Prefeito, em minha terra no Ceará, se defrontavam dois candidatos. Um era membro do partido de minha família,



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MS MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

era mais merecedor, mas era nosso desafeto, enquanto o outro era do partido oposto, mas era um homem benquisto e era nosso amigo particular. Diante da perplexidade daquele dilema, eu perguntei a um meu irmão: – F. com quem devemos votar? “No candidato de nosso partido” – respondeu-me prontamente. Mas assim ele toma o nosso apoio como um conagraçamento e torna-se humilhante para nós. Não, – replicou – “O voto é secreto, ele nos julga por si, e não imagina que tenhamos votado em seu nome”. E assim elegemos um inimigo, que fez uma administração progressista, mas dele nunca nos aproximamos. O segundo caso descrito por Anderson Magalhães (All-Right), na coluna grifada do “Correio da Manhã”, narra que um certo cidadão se candidatou a um cargo, contando ser bem sufragado pelas boas relações de amizade que aparentavam lhe dedicar. De fato quando surgiu a sua candidatura a oferta de votos foi tamanha que não havia dúvida de sua vitória.

No dia da apuração ele foi assistir à abertura da primeira urna e não apareceu um voto sequer. Foi a 2ª; nada; a 3ª; a 4ª e a 5ª; tudo negativo. Finalmente, foi a seção onde votara ele e a esposa, e só apareceu um voto; a própria mulher o havia traído. O voto secreto é assim uma artimanha em que os ardilosos podem utilizá-lo para muitos fins ignóbeis, e burlar desde a votação à apuração. É o maior fator de corrupção.

Enquanto não atingirmos um grau superior de civismo, não seremos dignos de uma Democracia.”



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEOPOLDO, Pedro. Minhas Memórias da Estrada de Ferro de Mossoró (1959). Coleção Mossoroense, Série “B”, nº 1115, 1991.

_____. Reminiscências. In: OESTE. (Ano I, nº I, 1958).

_____. O Homem Rural e as Leis Sociais. In: OESTE. (Ano II, nº II, 1960).

_____. Os Problemas do Nordeste. In: OESTE. (Ano, III, nº III, 1961).

_____. Os Partidos e o Voto Secreto. In: OESTE. (Ano IV-V, nº IV-V, 1963).

ROSADO, Vingt-un. Pedro Leopoldo (1965). Coleção Mossoroense, Série B, nº 1114, 1991.

ROSADO, Fundação Vingt-un. Adolfo Rodrigues de Lima no Memorial dos Mossoroenses. Coleção Mossoroense, Série “F”; nº 29, 1997.

ROSADO, Vingt-un. Sebastião Vasconcelos. Sobre Alexandre de Souza Nogueira, Miguel Faustino do Monte e uma Dinastia



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

de Sobralenses a Serviço de Mossoró. Coleção Mossoroense, Série “C”, vol. 940.

_____. & _____. Ainda Miguel Faustino do Monte. Coleção Mossoroense, Série “C”, vol. 946.

_____. Et alii. Três Sobralenses a serviço de Mossoró e uma terceira viagem pelo universo de Miguel Faustino do Monte. Primeiro Volume. Coleção Mossoroense, Série “C”, vol. 960.

_____. Et alii Três Sobralenses a serviço de Mossoró e uma terceira viagem pelo universo de Miguel Faustino do Monte. Primeiro Volume. Coleção Mossoroense, Série “C”, vol. 960.

RODRIGUES, João Batista Cascudo. Delmiro Gouveia e Mossoró. Coleção Mossoroense, Série “B”, n.º 1404, 1997.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ÍNDICE

I – A saga da saudação	02
II – Miguel Faustino do Monte e Delmiro Gouveia.....	04
III – Ainda Miguel Faustino do Monte	09
IV – Benedito Vasconcelos Mendes	18
V – Adolfo Rodrigues de Lima	18
VI – Pedro Leopoldo	22
VII – Uma informação de Raimundo Soares de Brito	28
VIII – O depoimento que impressionou Hélio Galvão.....	30
IX – Quatro trabalhos da autoria de Pedro Leopoldo na Revista “Oeste”	89